



Julho - Agosto de 2002

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



CONTROLE A PREOCUPAÇÃO



Guerra Santa

WILLMORE EVA

Editor de Ministry

A maioria dos cristãos ocidentais acha difícil ver o conflito entre os Estados Unidos e certos grupos radicais como uma guerra religiosa. Embora essa caracterização não seja muito significativa em si mesma, uma afirmação do jornalista Andrew Sullivan nos faz pensar. Ele defende que o atual conflito “repercuta mais suavemente nos conflitos religiosos da própria América, que a guerra contra outras expressões de cristianismo”. Sullivan vê esse último tipo de combate religioso brotando na América e em todo lugar.

Osama bin Laden disse que o presente conflito é uma guerra religiosa contra descrenças e descrentes. Qualquer pessoa familiarizada com as igrejas cristãs por algum tempo sabe que essa retórica certamente tem seu “eco suave” nos templos e corredores das comunidades cristãs contemporâneas. Muitos bem-intencionados cristãos têm uma forma de estabelecer padrões de crença e comportamento que usam para julgar e questionar outros cristãos.

É plausível crer que essa nova guerra religiosa anuncia grandes eventos num futuro não muito distante. Em outras palavras, agora fica mais fácil crer que as dores de parto escatológico deste planeta culminarão com manifestações de repressão religiosa com suas raízes no orgulho e preconceito de grupos tais como os de bin Laden e sua contrapartida cristã mais sutil.

O que acontece quando começamos a assumir essa postura bélica? Aqui vão algumas observações, a título de resposta:

Em primeiro lugar, inconscientemente tornamos a religião e a Igreja o centro da nossa fé, em lugar do próprio Deus. Quando fazemos isso, ficamos mais preocupados com a palavra da Igreja do que com a Palavra de Deus. Entre outras coisas, essa tendência usualmente leva a nos concentrar sobre tradições e costumes duvidosos que são rapidamente sistematizados em mecanismos para julgar e validar a fé e o comportamento de outros seres humanos.

Depois, em lugar de viver para proclamar a verdade, tornamo-nos preocupados em identificar o erro. Quando permitimos que essa orientação negativa domine nossa experiência religiosa, nosso propósito primário é o de exterminar tudo o que ameaça a pureza da Igreja e do mundo, em lugar

de levantar Cristo como Salvador e supremo padrão. Nosso imperativo predominante torna-se o de vigiar a retidão de outros, sem perceber quão destrutivos nos sentimos.

Finalmente, cremos que somos os donos da verdade, e que por causa do nosso estilo de vida superior e nossa convicção, somos a maçã exclusiva aos olhos de Deus.

Quando chegamos a crer que devemos ter nossa própria versão padronizada de uma Igreja e um mundo purificados, não estamos longe de nos sentirmos justificados em usar o poder político ou eclesiástico, em nome de Deus, para conseguir isso. Nesse caso nos estabelecemos junto de Deus, no trono da retidão.

Ao enveredarmos por esse caminho, vamos ter sérias dificuldades para tratar com imperfeições. Tenderemos a ver as coisas em termos de tudo ou nada, e isso nos leva a exagerar os males que vemos nas pessoas das quais discordamos. Mas não tem Deus nos orientado quanto a não calar a voz profética e, acima de tudo, a conservar a pureza de fé? Realmente. O que então devemos fazer?

Talvez o mais difícil para nós seja abraçar a mensagem básica da Bíblia: que não há lei que possa nos curar dos impulsos destrutivos que residem dentro de nós, enquanto buscamos ser fiéis em proclamar a vontade divina quando ela é ignorada ou pisoteada. E que nossa única opção, portanto, é nos tornarmos mais verdadeiramente discípulos de corpo e alma do Cristo vivo.

Jesus personificou o mais profundo modelo para tratar com o erro. Ele era firme em Suas repreensões (Mat. 23), mas Suas atitudes eram imaculadas. O Mestre foi magnífico na maneira como fundiu lei e graça. Ele incorporou as duas coisas (João 1:17).

Muito é dito de Jesus, e de nós, na altamente sugestiva história de Tiago, João e os samaritanos que os rejeitaram. Diante do gesto daquele povo, os discípulos sugeriram que pudessem fazer “descer fogo do Céu para os consumir. Jesus, porém, voltando-Se, os repreendeu. E seguiram para outra aldeia” (Luc. 9:54-56).

Conta-se que Abraão Lincoln certa vez foi muito criticado por ser muito solícito para com seus inimigos. Foi lembrado de que seu dever era, na verdade, destruí-los. Sua memorável resposta foi: “Eu destruo meus inimigos quando os transformo em meus amigos”.

“Eu destruo meus inimigos quando os transformo em meus amigos.” – A. Lincoln

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Ano 73 – Número 04 – Jul./Ago. 2002
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Programadora Visual: Cleusa Santos

Colaboradores Especiais:

Alejandro Bullón; Jonas Arrais

Colaboradores:

Arlindo Guedes; Jair Garcia Góis;

José S. Ferreira; Mário Valente;

Montano Barros Neto

Capa: Heber Pintos

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento ao Cliente:

sac@cpb.com.br

Redação: redacao@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tragem: 4.500 exemplares

5953/9732

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

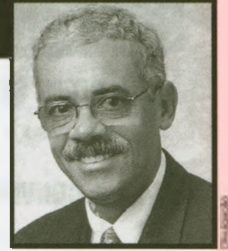
EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem prévia autorização escrita do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

EDITORIAL



O pastor e a ansiedade

Correria não é sinônimo de eficiência. Sobrecarga não significa fidelidade no aproveitamento do tempo, nem prontidão para se fazer tudo quanto vier às mãos. Dizer “sim” a todos, para todas coisas, a toda hora, também não quer dizer necessariamente que um pastor seja diligente no atendimento aos membros de sua congregação. Evidentemente espera-se que um pastor empreenda seu melhor esforço no cuidado pelo rebanho que lhe foi confiado, e pelo qual é responsável diante de Deus. No entanto, o Senhor deseja usá-lo saudável; mesmo porque, também nesse aspecto, ele deve ser um exemplo para as pessoas às quais ministra.

Muitos pastores parecem não ter consciência de seus limites e da necessidade de dosar energias. Submetem-se a um ritmo de trabalho verdadeiramente massacrante. Vivem excessivamente preocupados e ansiosos, negativamente estressados, diminuindo assim a eficiência com que poderiam continuar servindo a Deus e à Sua causa. Precisam aprender de Cristo: “Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal” (Mat. 6:34).

Esse conselho não é um convite à irresponsabilidade, mas à recusa em alimentar preocupações doentias, que roubam as forças girando em torno de si mesmas, e que levam a lugar nenhum. Esse tipo de preocupação nos tira a esperança, imobiliza, ao trazer constantemente à memória os descertos, o suposto fracasso, a fixação de que nada vai dar certo. Ela nos sufoca colocando nossa cabeça bem no centro do turbilhão de problemas e provações. Aí deixamos de sonhar, arriscar, planejar e avançar. Ao contrário, a preocupação sadia é a que nos induz à ação.

Em qualquer situação, o caminho seguro é aquele apontado pelo apóstolo Pedro: “lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós” (I Ped. 5:7). Originalmente, a expressão aqui traduzida para a atitude de lançar sobre Deus a nossa inquietação denota um ato realizado de uma vez por todas. Isso significa que a vida, seus fardos, suas dúvidas, seus temores e ansiedades devem ser entregues ao nosso Senhor e Mestre, como uma carga que não podemos mais suportar; mas Ele pode, sabe e quer fazê-lo.

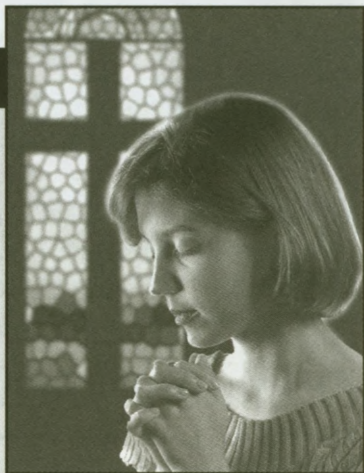
Aliás, ao escrever sua epístola, Pedro tem consciência de que seus leitores já estão no fogo das dificuldades, o que significa o reconhecimento de que elas são inevitáveis. Embora não as minimize, também não lhes dá muita atenção. Passa imediatamente para os benefícios, dirigindo a atenção para os resultados finais: “Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à Sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, Ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar” (I Ped. 5:10).

Zinaldo A. Santos

- 12 • COMO SER PAI E PASTOR** • É possível ser, ao mesmo tempo, um pai de sucesso e um pastor de sucesso.
- 14 • A CONVERSA QUE CONSTRÓI** • Princípios lingüísticos e seus equivalentes bíblicos para uma comunicação saudável.
- 17 • CONTROLE A PREOCUPAÇÃO** • O pastor precisa estar bem-informado a fim de que possa equilibrar as suas preocupações e orientar o rebanho nesse sentido.
- 21 • OUTRA VISÃO DE BABILÔNIA** • O testemunho histórico adventista lança luz sobre as bases em que devemos nos aproximar e colaborar com outros cristãos.
- 24 • QUANDO FALTA O ESPÍRITO** • O Espírito Santo pode e deseja fazer muito mais através da Igreja. É urgente buscar um novo Pentecostes.
- 28 • A ATRAÇÃO DOS SEMELHANTES** • Orientações que ajudam o pastor a formar líderes capazes.
- 30 • MÃO AJUDADORA** • Exegese de um texto que nos motiva à generosidade cristã.

SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 32** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



“Apenas aqueles que vivem a ‘verdade presente’, aqueles que, a despeito das tendências populares dentro e fora da Igreja, obedecem aos preceitos do Senhor, serão abençoados com a promessa da chuva serôdia e o fogo do Espírito Santo.”

Calvin Rock

Artigos em destaque

Fico sempre muito feliz quando recebo Ministério. Rogo a Deus que batize com o Espírito Santo os diretores e editor dessa revista.

Foi muito oportuno o artigo intitulado “À procura de mentores”, do Pastor Elizeu C. Lira, na edição do bimestre março-abril deste ano. Esse artigo deveria ser publicado em forma de um folheto e ser entregue a todo oficial eleito na Igreja, em todos os níveis. Precisamos mais da humildade de Cristo e de João Batista. Todo obreiro ou membro que fica magoado quando tem de entregar o cargo mostra que ainda não está “crucificado com Cristo”.

Outra matéria muito importante foi “De frente com o inimigo”, do Pastor Emilson dos Reis. Na primeira vinda de Cristo havia muitos possessos, pois o inimigo procurava escravizar as pessoas, a fim de impedir a pregação do evangelho. Houve o mágico Elimas e a jovem endemoninhada, na cidade de Filipos. O mesmo ocorre hoje, quando estamos dando a mensagem dos Três Anjos, do Apocalipse. Na Inspiração Juvenil deste ano, relato algumas experiências sobre como enfrentei o inimigo.

Pastor Geraldo R. Marski, Hortolândia, SP

Engodo ministerial

A matéria de Ellie Green sobre os exageros cometidos na pregação (nov./dez. 2001), fez-me lembrar os números apresentados em alguns relatórios. Quando eu era um jovem pastor, participei de um concílio no qual um pastor deu um relatório de suas conquistas. Após a reunião, um colega lhe perguntou se aqueles números eram reais ou se eram “números de evangelista”. Ele riu e disse que a segunda opção era a verdadeira.

Depois que, com o passar dos anos, eu aprendi o significado da jocosa expressão, fiquei chocado. Como pastor jubilado, continuo ouvindo a mesma referência ainda hoje. Apesar do tom bem-humorado da declaração, ela implica uma mentira. Não somente deve ser evitada entre nós, como também devemos ser honestos em nossas apresentações, qualquer que seja a sua natureza.

Lyli Hamel, Yucaipa, Califórnia



Pregação

DOUTRINÁRIA

Princípios que ajudam a tornar mais atrativa a apresentação de doutrinas

ZINALDO A. SANTOS e DEREK MORRIS

Preocupados com beleza e o conteúdo de suas mensagens, alguns pregadores têm marginalizado a pregação doutrinária, sob a alegação de que é árida e pouco atrativa. Não se pode questionar o fato de que Cristo deve ser levantado no púlpito, em todas as ocasiões. Afinal, Ele é o centro e a razão de todas as coisas e deve ser visto em todos os sermões, incluindo os doutrinários. Que isso é perfeitamente possível é o que a Dra. Marguerite Shuster ensina numa entrevista concedida a Derek Morris, pastor adventista em Calimesa, Califórnia, nos Estados Unidos, e professor adjunto de Homilética na Universidade Adventista do Sul, em Collegedale, Tennessee.

A Dra. Shuster é Ph.D. e também ensina Homilética no Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Ministério: *Tanto em seus escritos como em suas palestras, a senhora tem se revelado uma defensora da pregação doutrinária. Por que existe tanta resistência dos pregadores quanto a pregar sobre doutrinas cristãs?*

Dra. Marguerite Shuster: Muitos pregadores estão trabalhando sob uma visão muito estereotipada do que seja doutrina. Para esses indivíduos, doutrina é um assunto que consideram de natureza abstrata, incompreensível e desconectado da realidade da vida diária. Também acham que, para poder compreender amplamente todas as nuances do as-

sunto a ser discutido, precisariam ter muitos anos de educação graduada. Tão logo esses pregadores ouvem que as pessoas estão ansiosas de que se resuscite a pregação doutrinária, respondem com ansiedade, temor e fuga.

Ministério: *A senhora costuma dizer que todo pregador prega sobre algum tipo de doutrina, conscientemente ou não. Como então a senhora define o tipo de pregação doutrinária que está querendo ouvir?*

Dra. Shuster: Bem, em primeiro lugar, deixe-me realçar o fato de que a maioria dos pastores e outros pregadores não evitam ou negligenciam a pregação de doutrinas porque hajam tomado uma decisão consciente nesse sentido. Toda vez que nós abrimos a boca para falar a uma congregação, expressamos, de modo implícito, algum tipo de compreensão do que seja, por exemplo, nossa visão da liberdade humana contra a soberania divina, ou sobre qual seja a relação entre o amor de Deus e Sua ira. Toda vez que nós dizemos: “confie somente em Jesus”, estamos assumindo que existe alguma coisa particularmente especial sobre Jesus. Senão, por que não apelar para que as pessoas depositem confiança em outra pessoa? Assim, tudo o que nós dizemos reside, finalmente, sobre doutrina. E minha preocupação é que não deixemos isso apenas implícito, mas pelo menos tornemos explícita a nossa afirmação. Quando eu penso em pregação sobre doutrinas cristãs, estou pensando que devemos dar atenção explícita à abordagem do conteúdo, significado e das

conseqüências de algum aspecto de uma crença cristã. E que devemos fazer isso tanto de um ponto de vista intelectual, como prático.

Ministério: *Mas existe o fato de que, como a senhora mesma diz em seu livro The Trinity: An Interdisciplinary Symposium on the Trinity (A Trindade: Um Simpósio Interdisciplinar Sobre a Trindade), “muitas pessoas são assombrosamente ignorantes dos fundamentos cristãos”. Como enfrentar o desafio de pregar doutrina a pessoas que são iletradas?*

Dra. Shuster: Isso é uma realidade e ainda existe algo pior: muitas dentre nossas congregações são grandemente transitórias. Desse modo, é muito difícil fazer esse trabalho semana após semana. Se pelo menos você tiver uma audiência com a qual possa contar durante um certo período de tempo, poderá realmente fazer progressos na questão de simplificar o complexo. Mas, reconheço que essa não é a realidade em muitos lugares. O que eu tenho dito aos meus alunos é que eles não necessitam apresentar todo o assunto de uma só vez. Podem desmembrá-lo numa série e, à medida que o apresentarem, descobrirão que o gosto das pessoas pelo tema crescerá. Toda pregação necessita ser o tipo de pregação que é suficientemente clara para que uma pessoa com o mínimo de conhecimento, até mesmo uma criança, a entenda. Mesmo as pessoas com maior nível de escolaridade e inteligência também notarão que existe algo profundo para elas na simplicidade

de. Na pregação doutrinária, necessitamos deixar claro às pessoas o que nós estamos falando, quer usemos vocabulário técnico ou não. Jamais deveríamos estar preocupados em atirar palavras ao vento, mas, ao contrário, tratar com substância, essência. Dessa maneira, os ouvintes captam o que está sendo dito e se deliciam: “Ah, este é o significado!”

Ministério: *Junto com a falta de conhecimento bíblico dos nossos ouvintes, boa parte do vocabulário que nós, pregadores, usamos, quando falamos de assuntos doutrinários, é totalmente estranha ao ouvinte.*

Dra. Shuster: Por mais curioso que pareça, a linguagem doutrinária é frequentemente mais estranha ao pregador do que ao ouvinte. Por exemplo, quando você pede a um pregador para apresentar um sermão sobre expiação, esse pregador primeiramente tem de saber o que está envolvido na palavra e no conceito de expiação. E eu penso que não há um pregador em vinte que possa articular inteligentemente essa questão. Essa é uma das razões pelas quais os pregadores sentem medo.

Ministério: *Isso soa como uma sugestão para muito mais cuidadoso estudo no preparo de um sermão doutrinário. Estou certo?*

Dra. Shuster: Eu gostaria que os pregadores avaliassem um pouco mais a qualidade do seu preparo, incluindo o tempo que passaram no seminário estudando teologia sistemática e o tempo gasto, hoje, no estudo pessoal das Escrituras. Para mim, tudo isso deve ser visto na apresentação do sermão. E se eles não estiverem bem fundamentados no terreno da teologia sistemática, enfrentarão tremendas barreiras. Até poderão tirar alguma coisa de algum comentário bíblico, dicionário, e assim por diante; mas tudo resultará superficial. Tais pastores sentirão como se estivessem patinando no gelo ralo.

Ministério: *Quais são alguns dos riscos que um pregador enfrenta ao pregar sobre doutrinas?*

Dra. Shuster: Uma tentação especial é a de quererem alguma coisa na qual não precisem se aprofundar. Normalmente colocamos muitas demandas sobre os pregadores, e eles sentem as pressões decorrentes de tais demandas; de tal maneira que, para atender a todas, acabam fazendo tudo muito com-

placientemente. Na realidade, existem algumas coisas a respeito da nossa fé que são, de alguma forma, simples. Através das Escrituras, Deus pretende tornar-Se conhecido. Ele não está brincando de esconde-esconde. Nós todos cremos que um leitor honesto e sincero pode encontrar na simples leitura da Palavra de Deus o que ele necessita para sua salvação, sem que tenha recebido educação especial ou disponha de instrumentos especiais de pesquisa. Mas isso, que é suficiente, não é exaustivo. E o mistério permanece. Muitos dos caminhos de Deus permanecem escondidos para nós; e esse fato é premente para as pessoas, em especial quando elas se defrontam com o problema do pecado e do mal. Há o pecado em sua vida com o qual elas não

Toda pregação precisa ser suficientemente clara, de maneira que até uma criança possa entender.

podem tratar efetiva e finalmente. Há o mal em seu redor, que envolve não apenas o sofrimento do inocente, mas também há os males estruturais. Tais coisas não são bem tratadas com qualquer tipo de abordagem moralista simples. Por outro lado, é fácil dizer que “tudo é um mistério” e lavar as mãos. Ou tratar cada aspecto da questão de maneira tão complexa que dificulte ainda mais o entendimento das pessoas simples, nada deixando em que elas possam se apoiar ou confiar.

Ministério: *É aceitável, então, que o pregador levante questões para as quais ele não tem respostas, ou não as encontra facilmente?*

Dra. Shuster: É absolutamente aceitável. Se os pregadores não fizerem

isso, eles estarão simplesmente ignorando o fato de que tais questões já existem na mente de quase todo mundo na congregação. E podem levar o povo a supor que o pregador vive em um mundo inteiramente diverso, no qual essas questões não ocorrem. Eu sempre suscitarei questões difíceis em um sermão. Aliás, outro perigo que existe é levantar questões difíceis e então simplesmente rejeitá-las como se não tivessem importância. Isso é degradar, desconsiderar e minar a integridade de um ouvinte fiel.

Ministério: *Existe alguma diferença entre escrever e pregar sobre doutrina?*

Dra. Shuster: Sim. Por exemplo, compare os escritos de Karl Barth e seus sermões. Mesmo quando Barth estava pregando a um grupo universitário, tão oposto a, por exemplo, quando ele pregava a prisioneiros, seus sermões tinham um poder emotivo, uma simplicidade básica e uma afirmação fundamental da esperança cristã. Por isso, poderiam ser amplamente compreendidos – desde a mais primitiva percepção de que existem auxílio e esperança em alguém chamado Jesus, ao razoavelmente sofisticado entendimento de alguém que esteja familiarizado com a profunda teologia de Barth—. Mas seus sermões não soam como seus escritos, ainda que alguém descubra, como eu fiz, grande valor devocional nesses escritos.

Ministério: *Quando a senhora fala ou escreve sobre pregação doutrinária, parece diferenciar entre uma abordagem temática, na qual tenta cobrir o que a Bíblia diz sobre determinado assunto em 25 minutos, e uma abordagem em que toma uma porção da Escritura e a direciona para uma doutrina cristã sobre a qual essa porção lança luz. Poderia comentar isso?*

Dra. Shuster: Deparei-me pela primeira vez com essa questão, quando o falecido teólogo Paul Jewett estava escrevendo o primeiro volume de sua teologia sistemática (*God, Creation, and Revelation: A Neo-Evangelical Theology*) e quis incluir sermões doutrinários. Ele achava que há alguma coisa errada com a doutrina que não pode ser pregada. Então pediu-me para cumprir a tarefa de escrever alguns sermões que pudessem, de alguma forma, incorporar temas doutrinários. Achei o pedido desafiador, em-

polgante e possível de ser atendido. Se o pregador prega um sermão sobre fé, por exemplo, pode terminar não dizendo muita coisa. Mas se toma uma passagem particular que possa estar relacionada com a fé ou a descrença de alguém, pode explorar esse pedaço de tal maneira que o ouvinte dirá: “Ah, isso tem a ver com a minha vida”. Para que isso funcione bem, o pregador necessita primeiramente tratar com esse pedaço, mas também deve saber onde ele cabe. É por isso que eu sempre digo aos meus alunos que, embora eu deseje que eles baseiem seus sermões na exegese da passagem, também quero que eles consultem obras dogmáticas sobre doutrina, para que o contexto mais amplo que informa a maneira como eles preparam o sermão também seja fiel ao todo.

Ministério: *É apropriado extrair outras passagens das Escrituras, ou o pregador deveria permanecer com o texto primário?*

Dra. Shuster: Eu acredito que é possível usar textos de apoio, de um modo responsável. Entretanto, a maioria das vezes que ouvimos os pregadores fazerem isso, eles se tornam presos em um texto com o intuito de provar alguma coisa. Não levam em conta o verdadeiro contexto das partes de apoio que estão usando. Ou, se fazem isso, começam fugindo, como se estivessem seguindo as pegadas de um coelho, e acabam pregando sobre outros textos. Eu gostaria que os pregadores estivessem cientes de que podem usar outros textos, dentro do contexto. Isso os livrará de se desviarem para outros assuntos e causar confusão na mente de outras pessoas e em sua própria mente.

Ministério: *A senhora acha necessário usar ilustrações na pregação doutrinária?*

Dra. Shuster: Acho absolutamente necessário. Você não está apresentando um sermão, a menos que tenha algum material que ligue o coração e a mente. Evidentemente, a proporção desse material deve variar em diferentes tipos de sermões. Mas qualquer sermão que não faça uma ligação contemporânea não faz mais do que preencher um horário reservado para se fazer alguma coisa. Agora, quando eu estou falando de ilustração, não estou necessariamente me referindo a anedotas. Existem muitos

recursos que fornecem o apoio necessário para tornar o sermão uma peça de relevância contemporânea. Mas não estou descartando as histórias, nem quero limitar as formas pelas quais nós ilustramos a mensagem.

Ministério: *Na sua opinião, quão importante é a tarefa de escrever o texto de um sermão durante o preparo de uma pregação doutrinária?*

Dra. Shuster: Karl Barth acreditava que escrever o texto de um sermão simplesmente era parte da disciplina da pregação. O pregador não deve necessariamente levar esse texto escrito ao púlpito quando for apresentar a mensagem. O processo apenas faz parte da sua disciplina. Muitos outros eruditos como, por

Se o sermão não for bíblico, é um discurso qualquer.

Se não for interessante, ninguém irá ouvi-lo.


Se não tiver sentido, não será praticado.

exemplo, Martin Marty, têm dito que pelo menos durante os primeiros dez anos do seu ministério eles consideravam que o ato de escreverem o sermão era essencial para que a mensagem tivesse coerência, integridade, e tudo o mais que queremos e sabemos que um sermão deve possuir. Mas a cuidadosa preparação que inclui o escrever o sermão não obriga necessariamente o pregador a depender do texto, enquanto estiver pregando. Apesar disso, também reconheço que diferentes pregadores têm o direito de escolher e agir diferentemente a esse respeito.

Ministério: *Quais as suas recomendações a respeito das particularidades do formato de um sermão quando um pastor aceita pregar sobre doutrina?*

Dra. Shuster: Eu tenho três normas subjacentes para um sermão e acredito que elas são válidas para qualquer tipo de sermão. Ele necessita ser bíblico, deve ser interessante, e necessita fazer sentido. Se o sermão não for bíblico, não é um sermão, mas um discurso qualquer. Se não for interessante, não conseguirá ninguém para ouvi-lo. E se não for algo que tenha sentido, não será seguido ou praticado pelos ouvintes.

Ministério: *Como a senhora responderia à crítica generalizada de que as pessoas de mentalidade secular, os pós-modernistas, não estão interessadas em doutrina cristã?*

Dra. Shuster: Bem, em primeiro lugar, a primeira pessoa que deve acreditar na relevância da doutrina cristã é o pregador. Então, ele necessita mostrar, através de maneiras muito concretas, como o que nós cremos se relaciona, desafia e subverte as hipóteses ordinárias a respeito da vida humana; como o que nós cremos confronta-nos em nossas mais profundas angústias; como nossas crenças desanuviavam nossos mais escuros temores; como adicionam novos temores e preocupações em relação aos quais não sabíamos que pudéssemos ficar ansiosos. A pregação pode suscitar ansiedades bem como aliviá-las. Imagine que nós estivéssemos dizendo que Jesus tem alguma coisa a oferecer. Por que Jesus? Você não pode responder essa pergunta sem doutrina. Assim, como você expressa o que você acredita sobre Jesus, de uma forma que realmente O liga às mais profundas necessidades das pessoas? Uma pessoa que está ameaçada pelos rigores da seca pode não experimentar a mesma necessidade experimentada por alguém que está preocupado em dirigir no meio de um tiroteio. Como você pode observar, a maneira como você elabora o assunto obviamente depende do seu contexto. Mas, se nós cremos que Jesus Cristo é a boa nova para todas as pessoas, então parece que estamos incumbidos de encontrar maneiras de falar a respeito dEle, que é uma pessoa real, para as pessoas reais às quais nós nos dirigimos. 

Não DESANIME



EVELYN NAGEL

Coordenadora da Área Feminina
da Associação Ministerial na
Divisão Sul-Americana

Muitas vezes é preciso ler, ouvir e meditar sobre vida e sobre o que está acontecendo ao nosso redor. Algumas vezes nossa auto-estima não está em “alta” e, quando atentamos para certos conselhos e advertências, sempre encontramos alguma coisa que pode nos ajudar a reverter o quadro para melhor.

Há ocasiões em que, quando sou tentada a me sentir desencorajada, encontro forças e ânimo na leitura da Bíblia e nos escritos da Sra. Ellen G. White. Eles me falam direto ao coração fazendo-me despertar e reagir de maneira positiva.

Dias atrás, durante o culto matinal, deparei-me com a história de Josué e os acontecimentos que tiveram lugar logo após a travessia do Jordão, e o povo ter presenciado a grande demonstração do poder e cuidado divinos. Foi interessante notar que, ao ver a cidade de Jericó, Josué teve medo; sentiu desânimo e incerteza quanto ao futuro. Apesar de tudo, fez a coisa certa: “elevou seu coração a Deus em oração, pois as aparências eram contra ele”.

“Eis que se achava em pé diante dele um homem que trazia na mão uma espada

“Não fique desencorajada; frequentemente é a última chave que abre a porta.”

Jonathan Wood

da nua” (Jos. 5:13). Continuando a leitura, lá estava mais uma evidência do amor e cuidado de Deus: “Isso não foi uma visão, mas o próprio Cristo em pessoa. ... Tivessem sido abertos os olhos de Josué, teria ele visto a hoste celestial presente para derrubar os muros de Jericó.” – Ellen G. White, *Meditação Matinal*, 09/05/02.

Muitas vezes, encontramos muros de Jericó diante de nós. São problemas que nos parecem insolúveis e nos “afogamos em um copo de água”. O desânimo toma conta do nosso ser porque nos esquecemos de elevar nosso coração a Deus e confiar em Seu poder e Seu amor por nós. Alguém já disse que “para o desânimo existe um remédio seguro: fé, oração e trabalho”.

No livro *Cristo Triunfante*, à página 35, lemos: “Não é seguro, para nenhum de nós, achar que nos encontramos onde nossos pés não possam deslizar, mas devemos sentir que o lugar onde nos encontramos é santo. ... Quanto mais intimamente estivermos ligados a Ele, tanto mais claramente veremos nossas imperfeições.”

Todas nós temos imperfeições, faltas que precisam ser corrigidas, mas Deus

está sempre disposto a nos ajudar. Encontrei segurança na certeza de que, apesar de Deus ter sob o Seu comando os negócios de todo o Universo, está interessado e empenhado em satisfazer as nossas necessidades: “O nosso Deus tem o Céu e a Terra sob o Seu comando, e sabe justamente o de que necessitamos. Só vemos um pequeno trecho do caminho que está à nossa frente; mas ‘todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos d’Aquele com quem temos de tratar’ (Heb. 4:13).” – *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 267.

Jonathan Wood aconselha: “Não fique desencorajada; frequentemente é a última chave que abre a porta.”

Encontramos mais segurança e certeza, na seguinte declaração: “Ele ouve não só com paciência mas com aprovação as orações importunas daqueles que realmente anseiam por Sua ajuda.” – *Cristo Triunfante*, pág. 117.

Diz Jeff Crown: “Nesta vida, ou você está dentro de um problema, ou resolveu um problema, ou está indo em direção a um problema.” Josué enfrentou e venceu os problemas, quando “elevou seu coração a Deus em oração”. Contemos as nossas bênçãos dando sempre graças a Deus por tudo o que tem feito por nós. “Contemos as bênçãos e não os problemas.”

“Exponde continuamente ao Senhor vossas necessidades, alegrias, pesares, cuidados e temores. Não O podeis sobrecarregar; não O podeis fatigar. Aquele que conta os cabelos de vossa cabeça, não é indiferente às necessidades de Seus filhos. ... Levai-Lhe tudo quanto vos causa perplexidade. Coisa alguma é demasiado grande para Ele, pois sustém os mundos e rege o Universo.” – *Caminho a Cristo*, pág. 100.

Certa vez li uma história intitulada *O meu Deus é assim*; a qual partilho com você. Durante um terremoto, o povo de uma pequena aldeia ficou muito alarmado. Certa senhora idosa, porém, permaneceu calma e feliz. Alguém lhe perguntou: “Vovó, a senhora não está com medo?”

“Não, estou contente por saber que tenho um Deus que pode sacudir o mundo!”

O meu Deus também é assim. E o seu?



ORDENAÇÃO

de anciãos e diáconos



JOSÉ MIRANDA ROCHA

D.Min., professor de Teologia Aplicada no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP, Brasil

Os anciãos e diáconos constituem o mais importante nível de liderança nas igrejas locais. Tal conceito está baseado na Bíblia, nos escritos de Ellen G. White, e recebe o endosso da prática ministerial desempenhada por esses servos de Cristo. Paulo declara que os anciãos foram constituídos vigias do rebanho que o Senhor “comprou com o Seu próprio sangue” (Atos 20:28 e 31). A instituição dos diáconos (Atos 6:1-7) ocorreu em época bem primitiva da nascente Igreja apostólica; provavelmente, logo após as primeiras conversões registradas em Atos 2:37-41 (31 a. D.).

Escrevendo aos filipenses (Fil. 1:1), Paulo menciona esses dois grupos de líderes como aqueles que tiveram uma participação especial na fundação e organização da primeira comunidade cristã na Europa. Anciãos e diáconos partilhavam a honra e a bênção de serem reconhecidos ministros da Eclésia, como se um grupo complementasse o outro. O primeiro grupo, na função de supervisores do rebanho; o segundo, no atendimento aos necessitados. Os diáconos

A pressa e o pouco caso não devem caracterizar uma cerimônia que pode ser uma experiência de crescimento espiritual para a igreja local e para os oficiais envolvidos

poderiam ser muito bem nomeados como os “ministros da misericórdia”.¹

Um plano de nomeação de famílias de diáconos, datado do terceiro século da Era cristã, declarava que os diáconos fossem eleitos “em proporção do número de membros da congregação” para que pudesse ser dispensada a todos uma assistência adequada.²

Pode-se concluir, na leitura das qualificações de bispos e diáconos (I Tim. 3:1-13), que o padrão da Igreja de Jerusalém, a sede do cristianismo primitivo, deveria ser repetido por todas as demais congregações que fossem fundadas e organizadas como resultado da pregação apostólica. Cada igreja local necessita de um corpo de anciãos supervisores para ensinar, proteger e liderar a comunidade, bem como de um corpo de diáconos que auxiliem os primeiros e ajudem a atender às necessidades materiais dos membros da comunidade.

Ao abrir a lista de qualificação dos anciãos, Paulo usa a palavra “irrepreensível” (I Tim. 3:2) e, quando se refere aos diáconos, emprega o advérbio comparativo “semelhantemente” (v. 8). Essa observação nos leva a pensar que não deve-

ria haver diferença essencial na espiritualidade entre os oficiais dos dois grupos. A diferenciação dizia respeito à função e autoridade perante à comunidade que os separava pela imposição das mãos.

Embora não tenhamos um registro da ordenação de anciãos, a exemplo do relato da ordenação dos diáconos (Atos 6:6) e dos apóstolos (Atos 13:3), cremos que todos os oficiais da igreja local e os pregadores apostólicos “foram solenemente separados para seus deveres”³ em todas as ocasiões em que se faziam necessárias tais indicações. “A designação dos sete para tomarem a direção de ramos especiais da obra mostrou-se uma grande bênção para a igreja. Estes oficiais tomaram em cuidadosa consideração as necessidades individuais, bem como os interesses financeiros gerais da igreja; e, pela sua gestão acautelada e seu piedoso exemplo, foram, para seus colegas, um auxílio importante em conjugar os vários interesses da igreja em um todo unido.”⁴

Assim como os diáconos, devidamente selecionados e ordenados, também os anciãos supervisores locais e apóstolos foram “uma grande bênção para a igreja”. A bênção estabeleceu-se por uma conjugação de cuidados que podem ser identificados desde a escolha das pessoas a desempenharem as funções, passando pela aceitação voluntária por parte daqueles que se apontados, mas culminando com a “solene separação”, mediante imposição das mãos.

A descrição desses momentos solenes que a Igreja primitiva viveu, tanto em Jerusalém como em terras da Samaria, Galiléia e em outros países não judeus, ajudou-me a refletir sobre a necessidade de nossas igrejas locais valorizarem o ministério ordenado de anciãos e diáconos. O que poderia ser feito para alcançar tal objetivo? É provável que a resposta a essa indagação esteja em focalizar cuidados especiais a serem observados em três passos no processo, desde a escolha até a posse desses ministros locais.

Cuidadosa seleção

A Igreja em Jerusalém seguiu o critério de escolher para o diaconato “sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria” (Atos 6:3). O foco

da escolha estava primordialmente na vida espiritual das pessoas selecionadas. Ao listar as qualificações para os dois grupos de oficiais ordenados na congregação local, Paulo usa as palavras “irrepreensível”, para os anciãos, e “respeitável”, para os diáconos (1 Tim. 3:2 e 8).

Talvez essas palavras indiquem que as demais encontradas na seqüência do capítulo são desdobramentos de um caráter irrepreensível e respeitável. E aqui não há nenhuma indução apostólica de uma expectativa ética e moral maior para os anciãos; algo como uma vida perfeita, e outra menor para os diáconos, correspondente a uma vida apenas socialmente respeitável, de boa reputação. A palavra grega para “respeitável” implica, de acordo com Richard Trench, um termo no qual se combinam o senso de gravidade e dignidade. É um vocábulo que contém um convite à reverência.⁵

Ao comparar o cuidado que os apóstolos manifestaram na escolha dos oficiais da Igreja primitiva com o descuido de ministros de sua época na seleção de líderes para igrejas locais, Ellen White declarou: “Nos dias dos apóstolos, os ministros de Deus não ousavam confiar em seus julgamentos próprios para selecionar ou aceitar homens que assumissem a solene e sagrada posição

de porta-voz de Deus. Eles selecionavam os homens que pareciam ser aceitos em seu juízo humano, e então os colocavam diante do Senhor para ver se Ele os aceitava para serem enviados como Seus representantes. Não menos do que isso deveria ser feito agora.”⁶

E mais: “Em muitos lugares encontramos homens a quem foram confiadas apressadamente posições de responsabilidade como anciãos da igreja, quando não estavam aptos para esse cargo. Não exercem o domínio próprio. Sua influência não é boa. A igreja está constantemente em dificuldades como consequência do caráter defeituoso do dirigente. As mãos foram impostas com demasiada pressa sobre esses homens.”⁷

Junto ao conselho de Paulo no sentido de que “a ninguém imponhas precipitadamente as mãos” (1 Tim. 5:22), outros dois deveriam nortear sempre a escolha de anciãos e diáconos: “não seja neófito” (3:6) e “também sejam estes primeiramente experimentados” (3:10). A desobediência a esses preceitos produz dificuldades na igreja e problemas para aqueles que são guindados precipitadamente a tais posições de liderança. Pessoas assim não estão aptas a exercer as funções para as quais estão sendo ordenadas, e podem até desani-

mar espiritualmente, frustradas por não terem sido aceitas pela congregação e por sentirem o peso da função.

Cuidadosa educação

Todos os anciãos e diáconos, após serem eleitos pela igreja, e antes de serem ordenados, deveriam passar por um período de educação para exercer as funções. Os grupos estabelecidos como igrejas organizadas, principalmente aqueles nascidos do evangelismo público em cidades sem presença adventista, deveriam ser cautelosos na ordenação de seus anciãos e diáconos, quando novos na fé.

A educação para o cargo deveria contemplar um estudo sobre a base bíblica para a organização da Igreja, a origem e fundamento bíblico da função a ser exercida, doutrinas fundamentais, um pouco da história do ancianato e diaconato entre os adventistas, as qualificações espirituais e morais procuradas na vida dos líderes e as habilidades que precisam ter para o bom exercício do ministério. Esse preparo intelectual e espiritual poderia ser ministrado em dois ou três meses antecedentes à cerimônia de ordenação, numa seqüência de quatro ou cinco manhãs de aulas intensivas, lecionadas pelo pastor distrital, anciãos experientes e capazes, secretários ministeriais, administradores, professores de teologia e outros.

A questão de pastores muito ocupados em sua agenda de viagem pode ser resolvida com um planejamento antecipado bem feito, aproveitando as visitas dos administradores àquela igreja. Além dos recursos existentes para essa preparação educacional, tais como *Manual da Igreja* e *Guia dos Anciãos*, trechos selecionados dos livros de Ellen White poderiam ser compilados e oferecidos em forma de apostila para leitura auxiliar, visto que nem todo o conteúdo necessário pode ser coberto no espaço de tempo das aulas.

Penso que um plano de oração e vigília também poderia ser implementado para viabilizar a colocação dos novos anciãos e diáconos “diante do Senhor para ver se Ele” os aceita “como Seus representantes”.⁸ Se houver anciãos e diáconos já ordenados na igreja, poderão esses tomar os novos para formar grupos de oração com o objetivo específico de suplicar a unção do Espírito para os veteranos e os recém-escolhidos.



Imagem: William

Cerimônia solene

Quando se pensa em ordenação de anciãos e diáconos, é inevitável a comparação entre as solenes cerimônias de ordenação de pastores e as apressadas cerimônias de ordenação de oficiais da igreja local. Certamente não há nenhum benefício com esse procedimento que, a meu ver, além de retratar a falta de preocupação com o sagrado, promove um certo clericalismo centralizado no pastor. Embora haja mais responsabilidade sobre um pastor do que sobre um ancião ou diácono, a carga poderia ser aliviada se anciãos e diáconos, além de serem cuidadosamente escolhidos e educados para a função, também fossem solenemente investidos de autoridade diante da igreja.


A cerimônia de ordenação desses oficiais poderia ser uma experiência de crescimento da igreja local, pelo senso de que exerceu bem o seu papel de escolher os melhores para o exercício do ministério da pregação e liderança, bem como para o ministério da misericórdia. Os próprios candidatos e suas famílias se sentirão muito mais com-

prometidos com Deus e Sua Igreja, ao perceberem a dimensão do cargo através da solenidade da cerimônia. O evento pode ocupar todo o horário de culto de um dos sábados previamente separado para essa finalidade e anunciado como algo importante para os ordenandos e para a igreja.

Os novos anciãos e diáconos, com as respectivas famílias, deveriam ser orientados quanto à compatibilidade do traje com a solenidade da cerimônia e convidados a ocupar lugares nos primeiros bancos. Um programa ou boletim (com encarte, se necessário) seria um bom recurso para que todos se sintam incluídos e participem. Hinos e música instrumental apropriados para um momento solene, sermão específico, resumo biográfico dos ordenandos e leitura responsiva, com a participação de um ancião veterano, são elementos que resgatarão ou destacarão a importância desses cargos para aqueles que foram escolhidos e para os que serão liderados por eles.

Como pastor aspirante, tive o privilégio de trabalhar em igrejas onde havia

anciãos e diáconos que me acolheram como seu líder e apoiaram meu ministério ainda incipiente. Devo a esses ministros de Deus muito do que realizei nos anos seguintes. Não raras vezes, quando me faltaram os colegas ou superiores com quem pudesse partilhar momentos de alegria e até horas de angústia, pude encontrar na bondade, na consagração e sabedoria de um ancião ou diácono a palavra amiga, a lágrima solidária, a oração de conforto e o conselho que deu certo.

Louvido seja o Senhor por esses servos escolhidos por Ele e separados para o Seu serviço. 

Referências:

- 1 Alexander Strauch, *The New Testament Deacon: Ministers of Mercy* (Littleton, CO: Lewis and Roth Publishers, 1992), pág. 75.
- 2 Charles W. Deweese, *The Emerging Role of Deacons* (Nashville, TN: Broadman Press, 1979), pág. 13.
- 3 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965), pág. 89.
- 4 Idem.
- 5 Richard Trench, *Synonyms of the New Testament*, citado por Strauch, *Op. Cit.*, pág. 95.
- 6 Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 4 (Boise, Idaho: Pacific Press, 1988), pág. 406.
- 7 *Ibidem*, págs. 406 e 407.
- 8 *Ibidem*, pág. 406.



Assine a Revista do Ancião para os líderes da sua igreja

Recursos e orientações para anciãos e liderança da igreja local. Periodicidade trimestral. 36 páginas.

Faça sua assinatura anual agora mesmo e receba sua revista pelo correio.



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

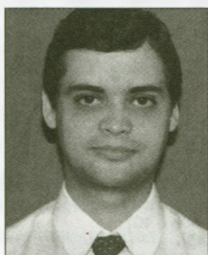
Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800

Ligue grátis 0800-990606* para fazer seu pedido ou peça ao SELS de seu Campo.

*O telefone 0800 não recebe ligações de celulares

COMO SER PAI E PASTOR

O equilíbrio entre o sucesso como pastor e pai é possível quando a família assume o seu devido lugar na vida do pai-pastor



LEONARDO GODINHO NUNES

Pastor da igreja do bairro Liberdade, em Salvador, Bahia, Brasil

Não é raro ver-se um pastor de sucesso, cabisbaixo, pensativo e amargurado, porque seus filhos estão vivendo um cristianismo superficial, abandonando a fé, ou mesmo se tornando opositores da Igreja. É um quadro realmente triste, no qual pastores que alcançam multidões com o poder de sua palavra têm a infelicidade de ver os filhos cada vez mais longe da Palavra de poder.

Tal situação traz à mente uma pergunta: será que é possível ao pastor ser respeitado e querido por sua congregação e, ao mesmo tempo, ser um pai amado e honrado? Gostaria de partilhar como, através de ações simples, podemos minimizar a tensão entre pastorado e paternidade.

Prioridade à família

Por favor, pastor, não pense que pelo fato de já ter ouvido a este respeito milhões de vezes, já sabe tudo ou não precisa mais ser lembrado. Afinal, existe um

universo entre saber e fazer. Precisamos refletir juntos. Como sua esposa e seus filhos vêem essa realidade em sua vida? Tem feito de sua família a primeira igreja? Quando um líder da congregação o chama para realizar uma tarefa urgente, com que frequência você tem desmarcado e adiado os compromissos familiares?

A família precisa sentir que é a primeira em seu coração. Já aconteceu de estar o seu pai em alguma reunião de comissão e você entrar devagarinho, para ver o que aquelas pessoas tão sérias estavam fazendo? Era então que o olhar do pai se encontrava com o nosso... abria-se um sorriso, um abraço apertado, e a frase: "filhinho, papai te ama; volta para perto da mamãe. Daqui a pouco a gente se encontra".

E após um beijo no rosto, saímos dali radiantes amando e sentindo-nos amados; sentindo que éramos os primeiros do mundo. É a congregação se sentia segura de que seu pastor era um homem de Deus. É claro que precisa haver equilíbrio; mas nunca é demais fazer com que sua família saiba que é prioritária em sua vida.

Organização

Colocar os compromissos familiares na agenda é uma tática simples e que dá certo. Quando consultado para atender determinada localidade ou tarefa, e tendo já combinado algo com a família anteriormente, basta dizer que já tem um compromisso muito importante para aquele momento. Se houver ocasiões em que for necessário adiar ou desmarcar algo com a família, fique tranqüilo; ela vai entender perfeitamente bem, porque sabe que tem a pri-

mazia em sua vida e esse ato é apenas uma exceção.

Pai, a agenda foi feita para que você não se perca no meio da multidão de compromissos. Arranje uma vaga para a esposa e os filhos.

Qualidade versus quantidade

Quanto à qualidade do tempo, o que um filho de pastor precisa é que seu pai, no tempo reservado, esteja presente de corpo, alma e espírito. Não adianta muita coisa sair em um dia de folga para passear, quando, ao encontrar o primeiro irmão da igreja ou colega de trabalho, o pai deixa de lado a família e vai conversar com eles. Enquanto isso, a mãe e os filhos passeiam sozinhos.

Também não adianta muito quando o pai deixa seus afazeres para brincar com o filho, mas seus olhos demonstram que o pensamento está nos problemas eclesiais. Na realidade, os filhos carecem de um pai que, quando estiver com eles, seja só deles e de mais ninguém. Que nada os separe nesse instante.

Para que se sintam realizados e seguros, além da qualidade, os filhos precisam de uma quantidade mínima de tempo que satisfaça suas necessidades de afeto e carinho. O pouco tempo de boa qualidade que você passa junto com o filho pode, às vezes, ser frustrante para ele.

O equilíbrio entre qualidade e quantidade é fruto do sábio uso do tempo que a Igreja permite seja empregado para a família. Fazer do culto familiar, das refeições, do dia de folga e das férias um momento sagrado para a família não é nenhum milagre. Basta apenas um pouco de boa vontade. As demais horas diárias, os seis dias da sema-

na e os onze meses do ano são suficientes para um pastor, organizado e que confia em Deus, realizar a tarefa de levar pessoas a Cristo e a se prepararem para o Céu. Dessa maneira, a família também irá para a Nova Terra.

Amizade cristã

A amizade cristã transcende os limites dos momentos de brincadeiras ou conversa informal. Significa compartilhar as alegrias e dificuldades da vida cristã. Representa tratar em família os assuntos doutrinários, eclesiais e denominacionais com o mesmo entusiasmo com que se fala de outras coisas. Por exemplo, quando o pai, mãe ou filho descobrem algo interessante na Bíblia ou na literatura cristã, devem compartilhar com entusiasmo esse achado com toda a família. Ao ser esse tipo de amizade cultivado no lar, desde cedo, a vida genuinamente cristã é solidificada.

Por falar em amizade, os filhos também precisam de um pai amigo, que se interesse por suas realizações, mesmo que sejam pequenas, como a primeira música tocada na audição de iniciantes do conservatório. Para eles, esses feitos são como se tivessem pisado na Lua, ou ganhado o prêmio Nobel. Se essa amizade não for solidificada na infância, construí-la na adolescência será um milagre. O tempo passa e não retorna.

Viver em extremos é uma propensão do ser humano; o equilíbrio é difícil. Os filhos conhecem a luta do pai-pastor contra o autoritarismo ou a permissividade. O longo tempo que passa fora de casa aliado à pressão exercida pela irmandade sobre eles podem impulsionar o pai tanto a ser severo quanto permissivo. Entretanto, pai, não se preocupe tanto com o que os outros pensam ou querem, nem tente compensar sua ausência com condescendência.

O que os filhos querem, realmente, é um pai amigo, que role na grama, que saia para fazer um piquenique e jogar futebol com eles. Um pai cujo “não” signifique não; e cujo “sim” signifique sim. Um pai no qual justiça e amor se encontrem. Um pai confiante sobre sexo, namoro, sonhos e frustrações. Um pai que, acima de tudo, os ame do jeito que são, com seus defeitos e virtudes. E as igrejas amam um pastor que ama seus filhos.

Time pastoral

Para fazer parte da família pastoral não é necessário nenhum esforço da parte dos filhos; basta nascer. Agora, fazer com que a família pastoral se torne um time pastoral é trabalho de uma vida. Os filhos querem fazer parte desse time, que entra em campo unido; que trabalha junto; onde todos têm oportunidade e capacidade para ministrar onde as habilidades e temperamentos mais se ajustem. Eles não querem apenas pertencer à família pastoral, onde o pai-pastor faz tudo e os filhos são espectadores com a obrigação de dar bom exemplo. Os filhos não escolheram nascer filhos de pastor; mas como Deus lhes deu esse privilégio, eles querem mesmo participar.



Imagem: Digital Stock

É certo que a vontade de trabalhar para Deus não nasce da noite para o dia. Portanto, a ideia do time pastoral deve ser cultivada desde o ventre. O incentivo à participação precisa ser constante. Os filhos devem atuar mesmo que os pais estejam presentes, ou ainda que os pais exerçam determinada atividade melhor que eles. Às vezes acontece que o pai e a mãe são *experts* em determinada área e nunca convidam os filhos a participarem. Então eles se tornam espectadores passivos ou

bagunceiros ativos. Os talentos se atrofiam enquanto os pais fazem sucesso.

Se forem estimulados, desde cedo, a participar ativamente nas atividades eclesiais, fazendo parte de um time pastoral, não haverá tanto problema com o alegado excesso de carga imposta ao pastor. Afinal, ele terá com quem dividi-la. Muito menos haverá problemas com a grande quantidade de vezes que necessitará estar fora de casa; pois todos estarão juntos, trabalhando para Deus como um time bem entrosado.

Não devemos perder de vista, contudo, o fato de que sacrifícios por parte da mãe e dos filhos às vezes serão necessários em nome do bom atendimento ao rebanho. A partir dessa perspectiva, tudo o mais precisa ser encaixado: organização eficiente, correta relação entre qualidade e quantidade de tempo, relacionamento de amizade e trabalho em equipe.

Uma palavra aos filhos

Agora, gostaria de falar a você que é filho. Nos momentos em que o sucesso pastoral se choca com o sucesso paternal, tem sido sempre mais fácil sacrificar a família em favor da paz eclesial. O que em primeiro lugar nos vem à mente é que, como o laço familiar é mais forte, a esposa e os filhos irão suportar melhor os sacrifícios. Como o amor verdadeiro é o que nos une, eles entenderão melhor o problema.

Apreendi que, depois que todos se vão e os momentos de profunda crise surgem, a família é a única que permanece ao nosso lado, sem atirar pedras, chorando conosco, torcendo e trabalhando para que o sol volte a brilhar sobre nossa vida.

Posso ver em seu rosto as lágrimas ou o silêncio agonizante da decepção sentida por causa de promessas não cumpridas; ou mesmo a ausência nos momentos importantes de sua vida. E mesmo assim, você tem permanecido ao lado do pai, sentindo orgulho por tudo aquilo que ele é e faz. Agora, a única coisa que resta ao pai-pastor é amá-lo, filho, por tudo aquilo que você é e representa para ele.

Que o fogo do perdão e o amor divino nos unam cada vez mais, e, forçados nesse amor, sejamos o maior trunfo nas mãos de Deus na conquista de almas para o reino celeste. Unidos agora, unidos na eternidade.



A CONVERSA QUE CONSTRÓI



Divulgação

GLEIDE EMÍLIA FAYE PEDROSA

*Professora de Linguística na
Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

O filósofo americano Grice afirmou que, quando entramos em conversação, faz-se necessário respeitar o que ele chamou de princípio de cooperação, ou seja: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.”¹

Supondo que um tal princípio seja aceito pelos envolvidos no diálogo, é necessário distinguir quatro categorias sob as quais certas máximas e submáximas, em acordo com o princípio de cooperação, vão produzir resultados esperados na conversação. As categorias evocadas são quantidade, qualidade relação e modo.

Definição de categorias

A categoria da quantidade diz respeito ao montante de informações a serem apresentadas. A partir daí surgem as seguintes máximas, a fim de atender o propósito da conversação: Faça com

“As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na Tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu.” (Sal. 19:14)

que sua contribuição contenha só as informações que sejam requeridas.

Há discussões acerca dessa segunda máxima, já que o único prejuízo seria a perda de tempo, e não o desrespeito pelo princípio de cooperação, além de possíveis inferências por parte do interlocutor. Por que o locutor está sendo tão redundante? Há algum propósito nisso? Seja como for, o melhor é respeitar a máxima.

A próxima categoria é a da qualidade. Ligada a ela identificamos uma supermáxima: “Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira”, e as duas máximas: “Nunca diga o que você acredita ser falso; e só diga aquilo sobre que você puder oferecer evidência.” Sem dúvida, essa categoria é das mais importantes para evitar constrangimentos nos envolvidos em conversação.

Quanto à categoria de relação, Grice é conciso, apresentando apenas a máxima “seja relevante”; isto é, perceba quando a sua informação tem valor, quando você está contribuindo de forma relevante na conversa. Fique atento à pertinência de mudar o teor do assunto em pauta.

Finalmente chegamos à categoria de modo. Nesse ponto, trataremos não do que é dito, mas de como é dito. Inclui-se então a supermáxima “seja claro” e máximas como “evite obscuridade de

expressão”; “evite ambigüidades”; “seja breve e ordenado”.

Fica claro que a observância de determinada máxima é mais exigida que de outras. Por exemplo, a cobrança seria menor para uma pessoa que desrespeitasse a máxima de redundância do que para uma que tivesse a mesma atitude para com a máxima que requer veracidade. Devemos lembrar também que existem outras máximas não especificadas aqui, tais como as de caráter estético, social, moral, entre outras.

O respeito por essas máximas é importante, tendo em vista cada momento comunicativo ser marcado por graus diferentes de intencionalidade, tanto por parte do locutor quanto do interlocutor. É necessário, por algum recurso, explicitar essa intencionalidade. “Pode ocorrer, também, que o locutor infrinja intencionalmente uma das máximas, cabendo, então, ao interlocutor fazer um cálculo para descobrir o motivo da desobediência; tem-se, nesses casos, uma *implicatura conversacional*.”²

Nota-se, por esses pressupostos, que a comunicação “é uma atividade humana complexa, que possibilita ao homem representar a realidade física e social. Essa atividade permite também a comunicação de idéias na interação so-

cial, por partilhar conhecimentos e envolver seus referentes pela imagem que estabelecem. Assim, vínculos, compromissos, relações, numa determinada situação de uso verbal”.³

Referências bíblicas

Buscando referências bíblicas, podemos verificar o quanto as máximas apresentadas por Grice se coadunam com os princípios cristãos para a conversação.

Se examinarmos a máxima de quantidade através de textos bíblicos, verificaremos que há interesse divino em ajudar os seres humanos a se comunicarem de forma eficiente. Quem sabe, a máxima “faça com que sua contribuição na conversa seja tão informativa quanto requerida” pode ser lida desta forma: “O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!” (Prov. 15:23). É particularmente agradável, para nós, simples mortais, ver o Céu interessado em nossa conversação; em que nos comuniquemos para o bem.

Ligada à máxima de qualidade, encontra-se a supermáxima “trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira” e as duas máximas “nunca diga o que você acredita ser falso; e só diga aquilo para o que você puder oferecer evidência”. Não tenho informações para dizer que Grice era conhecedor ou praticante do evangelho. Mas, com certeza, podemos afirmar que a sua indicação para conversação diária encontra respaldo bíblico: “O lábio veraz permanece para sempre, mas a língua mentirosa, apenas um momento” (Prov. 12:19); “Se vocês quiserem uma vida feliz e boa, mantenham domínio sobre a língua e guardem os lábios de dizerem mentiras” (I Ped. 3:10, *A Bíblia Viva*); “...evitando os falatórios inúteis e profanos...” (I Tim. 6:20).

Na máxima de relação, Grice destaca o fato de que devemos perceber quando a nossa informação tem valor, quando estamos contribuindo de forma relevante na conversa. Devemos ficar atentos para a pertinência de mudarmos o teor do assunto em pauta. Há muitas situações em nosso convívio no lar, na Igreja, no trabalho, entre outras, em que o uso dessa máxima se torna necessário, tanto para mantermos o assunto da conversa como para nos desviarmos dela. Tomemos um caso típico e tão combatido no ambiente religioso

– a fofoca. Podemos deixar claro, ao mudarmos de assunto, que não queremos participar do teor dessa conversa. “Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã” (Tia. 1:26).

Até agora, as máximas consideradas dizem respeito ao que deve ser dito. A máxima de modo está relacionada à maneira como é dito. Seja claro, evite expressão obscura, seja breve, ordenado. Poderíamos acrescentar ainda: seja educado, cortês, amoroso; use uma linguagem sadia, irrepreensível. Confirmemos essa máxima nas palavras bíblicas: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como

*É particularmente
agradável, para nós,
ver o Céu interessado
em nossa conversação;
em que nos
comuniquemos
para o bem.*

deveis responder a cada um” (Col. 4:6). “Uma pessoa delicada e amável no falar ajuda os outros a viver; quem é grosseiro e implicante desanima qualquer um” (Prov. 15:4, *A Bíblia Viva*). A edição *Revista e Atualizada* verte esse texto dizendo que “a língua serena é árvore de vida”.

O poder das palavras


Além dos conselhos bíblicos sobre o uso diário das palavras, Ellen White também destaca a força que elas têm, não só como espelho do caráter do falante, mas também como responsável pela formação de seu caráter: “As palavras são um indício do que se acha no coração. ‘Da abundância do seu coração fala a boca.’ Mas as palavras são

mais do que um indício do caráter; têm poder de reagir sobre o caráter. Os homens são influenciados por suas próprias palavras.”⁴

A citação comprova que devemos aceitar as orientações divinas, buscar dominar a nossa língua e, então, possamos alegremente reafirmar as palavras do salmista: “E a minha língua celebrará a Tua justiça e o Teu louvor todo o dia” (Sal. 35:28).

As palavras têm poder, têm força. Elas evocam a imagem daqueles que as empregam, como também a imagem das situações nas quais tais pessoas estão inseridas. As palavras veiculam valores que são originados do grupo econômico, profissional, regional, religioso, etc., a que o locutor pertence. Há outros valores que se ligam à natureza e às intenções comunicativas. Ao falar, o locutor trai, às vezes inconscientemente, sua origem social, seus princípios religiosos, suas intenções e atitude em relação ao interlocutor. Um exemplo típico é o de Pedro que, quando tentou negar que era seguidor de Cristo, suas palavras o denunciaram.

O escritor Francisco Gomes de Matos aconselha-nos que, no uso diário da língua, devemos buscar sempre respeitar o nosso “próximo lingüístico”. “O conversador cristão pensa primeiro em seu próximo lingüístico. ... Como cristãos, nosso desafio comunicativo é tanto maior, porque não bastará construir frases gramaticalmente aceitáveis ou selecionar um vocabulário expressivo: deveremos conversar humanizadamente, contribuindo para fortalecer a confiança e o respeito mútuo entre os parceiros conversacionais.”⁵

Assim como Grice, o Dr. Gomes de Matos soube perceber os princípios bíblicos para o intercâmbio comunicativo entre os seres humanos. Cabe a nós, cristãos, não apenas conhecer a teoria, mas torná-la efetiva em nosso contato diário com os semelhantes. 

Referências:

- ¹ Marcelo Dascal (organizador), *Pragmática*, vol. 4 (Campinas, SP: Unicamp, 1982), pág. 86.
- ² Ingedore Villaça Koch, *A Interação Pela Linguagem*, 5ª ed. (São Paulo, SP: Editora Contexto, 2000), pág. 28.
- ³ *Revista de Letras* (Campinas, SP: PUCCAMP, Dez./1997) pág. 119.
- ⁴ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira), pág. 323.
- ⁵ Francisco Gomes de Matos, *Comunicar Para o Bem: Rumo à Paz Comunicativa* (Editora Ave-Maria, 2002), pág. 17.

Comunique o EVANGELHO



JAMES A. GRESS

*Secretário ministerial da
Associação Geral da IASD*

Tornar público o nome da Igreja é uma das formas de evangelização. Há poder no nome da nossa Igreja. “O nome adventista do sétimo dia leva os traços da verdade de nossa fé e convencerá a mente inquiridora”, afirmou Ellen G. White. Manter o nome adventista do sétimo dia diante do povo, através da mídia e do relacionamento pessoal desenvolvido pelos membros em várias organizações cívicas, cria conscientização, credibilidade e confiança que são fundamentais para o evangelismo.

Ao oferecer algumas diretrizes para cumprir esse objetivo, Cindy Kurtzhals, diretor de Comunicação da Associação da Flórida, nota que cada vez que o nome adventista é mencionado em um artigo, *spot*, ou programa, o conteúdo da mensagem pode dar esperança ao leitor, ouvinte ou observador. E, mais importante, dá ao Espírito Santo mais uma oportunidade para trabalhar nos corações.

Observe as dicas de Kurtzhals. Ao empregá-las, lembre-se de usar corretamente o nome da Igreja, evitando abreviá-lo.

Promova e divulgue eventos. Três igrejas na Flórida realizaram uma série de concertos divulgados por uma efetiva campanha publicitária na mídia. Muitos convidados foram atraídos pela identificação adventista do sétimo dia e acabaram aceitando a Cristo. Somente uma igreja, com 69 membros, recebeu 175 visitas para o concerto.

Escreva para jornais. Dê sua opinião sobre alguma notícia, apresentando o ponto de vista adventista. Essas pequenas manifestações dão uma visão positiva e, ao mesmo tempo, partilham a nossa esperança. Pode também manter uma coluna diária ou semanal sobre saúde, família, análise de problemas sociais, eventos proféticos, entre outros assuntos. Construa um bom relacionamento com os editores e, eventualmente, eles o convidarão para escrever alguma coisa.

Divulgue suas campanhas evangelísticas. Mobilize o departamento de comunicação de sua igreja para um esforço sistemático de publicidade em torno da campanha evangelística que você está fazendo. Devem ser utilizados jornais, rádio e televisões locais e regionais. Você vai ver que alguns novos interessados surgirão.

Divulgue eventos comunitários. Inaugurações de escolas, seminários, distribuição de roupas, alimento e remédio a pessoas necessitadas ou vítimas de algum sinistro, são fatos que mostrarão o interesse da Igreja na solução dos problemas sociais. Use o clube de desbravadores.

Convide repórteres. Quando realizar programações como um curso para


deixar de fumar, por exemplo, convide repórteres para assistir aos eventos e noticiá-los.

Anuncie pela mídia. Compre anúncios em vários órgãos a fim de promover uma imagem positiva de sua igreja, ou informar a comunidade sobre os cultos ou eventos especiais. Um pequeno investimento nesse sentido pode gerar grandes resultados. Encare o anúncio pago como um investimento, não como uma despesa. Coloque sua igreja em listas telefônicas, jornais, catálogos, revistas e guias turísticos.

Participe de programas. Contate a produção de programas de entrevistas no rádio e na televisão. Os produtores sempre estão à procura de entrevistados bem articulados e interessantes, que tenham algo a dizer. Você pode ser incluído em sua lista.

Cultive amizade. Lembre-se das pessoas que lhe abrem portas na mídia, em datas especiais do ano. Envie-lhes um cartão de Natal, um cumprimento pelo aniversário, ou uma mensagem de apreciação por algum trabalho.

Mantenha pontos representativos. Se as pessoas não podem encontrá-lo facilmente, provavelmente irão a algum outro local mais claramente identificável. Lembre-se de manter constantemente sinais ou meios que representem a Igreja. Pode ser uma placa, um monumento ou um *outdoor* contendo alguma mensagem e o endereço; algo de boa qualidade, sem deteriorações.

Aproveite os acontecimentos. Crie eventos na igreja em conjunto com o que acontece na comunidade. Se houver uma calamidade, como enchente, incêndio de grandes proporções, seca prolongada, terremoto, acidente ecológico, etc., promova um dia de oração e divulgue-o. Após o dia 12 de setembro do ano passado, algumas igrejas de Nova York abriram as suas portas ao público para aconselhamento e oração. Trabalhe em parceria com organizações governamentais e não-governamentais, incluindo-as também em sua publicidade. 

CONTROLE A PREOCUPAÇÃO



ARCHIBALD D. HART

Professor de Psicologia no Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia, Estados Unidos

É muito fácil dizer: “não se preocupe”. Mas o difícil é não se preocupar. É a mesma coisa de falar a alguém com excesso de peso para que não exagere na comida. Embora seja um bom conselho, não é uma grande ajuda. Muitos cristãos vivem confusos sobre como reagir às suas preocupações, especialmente diante da advertência de Jesus aos discípulos, para que não andassem ansiosos pela vida: “Por isso, Eu vos advirto: não andeis ansiosos pela vossa vida, quando ao que haveis de comer, nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir.” (Luc. 12:22).

Aconselhar pessoas excessivamente preocupadas é um problema vexatório, enfrentado por muitos pastores hoje. Não é apenas um problema comum, mas uma tendência que resiste a qualquer abordagem lógica. Por exemplo, às vezes, tentar dizer a alguém que o motivo da sua preocupação é extremamente improvável de acontecer é a mesma coisa de falar a um surdo. E, nestes dias de intenso temor, verificamos que as pessoas também vivem muito preocupadas.

Todos nos preocupamos algumas vezes, porque esse é um modo que Deus providenciou para nos alertar de um perigo. Mas isso se torna pernicioso quando não nos leva a soluções construtivas

A preocupação não é apenas danosa à tranquilidade de um indivíduo, mas ameaça a sua confiança espiritual. Quem fica preocupado geralmente teme que possa haver algo errado com sua fé em Deus. De modo que, quanto mais um pastor conhecer as causas da preocupação, mais hábil ele será para ajudar-se ou ajudar alguém que esteja sofrendo com o problema.

Recomendo que os pastores preguem regularmente sobre este assunto, para que as pessoas possam saber a verdade a seu respeito. Isso aliviará o sentimento de culpa e apontará às pessoas o caminho de uma vida espiritual mais saudável. A ignorância, antes de tudo, é uma das grandes armas satânicas. Nenhum pastor pode ministrar efetivamente as necessidades do povo, nos dias atuais, se não estiver bem-informado sobre o dramático crescimento dos problemas relacionados com os distúrbios mentais. Eles precisam entender e reconhecer os sintomas dessas desordens, em si mesmos e nas pessoas as quais servem.

Para superar a preocupação, uma pessoa necessita compreender suas causas e ver como é inútil angustiar-se. Também deve saber como transformar a preocupação em cuidado, que é algo mais construtivo.

Causas

Preocupação é parte de um desafio emocional muito maior, que é a ansieda-

de em geral. A preocupação em si mesma é uma forma de ansiedade, embora existam outros tipos mais perigosos. Embora a preocupação sempre tenha sido o tipo mais comum de ansiedade, existe o pânico, um tipo mais sério que é tão diferente das outras formas como a noite é diferente do dia. As duas formas não devem ser confundidas. O pânico em geral começa repentinamente, ocorre em pessoas empreendedoras e que são submetidas a uma forma particular de estresse.

Algumas vezes, todos nós vivemos um período de preocupação. Isso acontece quando descobrimos um caroço em algum lugar no corpo, ou quando um ente querido adoece subitamente. Esses eventos da vida são fundamentalmente ameaçadores para nós, de modo que a ansiedade nos avisa de algum perigo iminente. Então, a preocupação aparece.

Nada há de errado com esses pequenos surtos de preocupação. Na verdade, eles são instrumentos de Deus que nos dá como sinais de advertência. Necessitamos estar atentos, porque eles podem nos ajudar a tomar providências para remover a ameaça. Em caso de doença, uma resposta saudável à preocupação é ir ao médico, fazer exames ou conseguir o máximo de informações sobre as condições reinantes.

Tipos diferentes

Certo dia alguém me perguntou se a preocupação não era saudável algu-

mas vezes. Hesitei em responder; essa é uma pergunta capciosa. A resposta depende de como se define “saudável”. Mas podemos refazer a pergunta: “É impossível viver sem preocupação algumas vezes?” Aí a resposta é “sim”.

As únicas pessoas que nunca têm preocupação são as que chamamos de sociopatas. São doentes porque nunca sentem ansiedade por qualquer coisa. Eu não quero viver perto delas, nem quero dirigir um carro paralelo ao que elas dirigem. São perigosas. Quem não tem capacidade para se preocupar poderia ser facilmente recrutado como terrorista.

Sim, todos nos preocupamos algumas vezes, porque essa é uma forma de ansiedade que nos alerta do perigo. A preocupação torna-se pernicioso apenas quando persiste por muito tempo ou quando nunca nos leva a soluções construtivas. O entendimento dessa diferença nos aponta a melhor maneira de tratar com a preocupação. Ela se torna um problema quando escapa das nossas mãos. Lucas 12:22 e outras passagens das Escrituras não se referem à preocupação como um período curto de cuidado, no qual tentamos compreender o que nos ameaça. É a preocupação prolongada, obsessiva, que nos amarra e não nos deixa agir, que Jesus nos aconselha a deixar pelo exercício da fé em Sua providência. A preocupação prolongada pode se tornar um hábito. Mina a confiança na provisão divina para todas as nossas necessidades e nos faz adoecer fisicamente.

O ponto mais importante para lembrar, a respeito dessa forma de preocupação, é que ela sempre focaliza totalmente sobre as ameaças imaginárias e não leva a nenhuma solução concreta e construtiva. Não admira que Jesus tenha dito: “Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?” (Luc. 12:25).

A preocupação persistente não é apenas improdutiva no sentido de que não muda qualquer coisa, mas tira a vibração e a plenitude da vida, incapacitando

as pessoas. Elas giram literalmente em círculos, sem sucesso. Além disso, as pesquisas mostram que esse tipo de preocupação é realmente nociva à saúde, causando dor de cabeça, enfraquecendo o sistema imunológico; e pode ser uma fonte de estresse que leva ao limite do pânico.

Todo ser humano experimenta ansiedade; e, como já vimos, alguma dose de ansiedade e preocupação é necessária e normal. Mas existe outras dimensões do estresse. Por exemplo, o estresse prolongado possui muitos efeitos deletérios; mas nenhum deles é mais insidioso do que sua diminuição dos tranqüilizantes naturais do cérebro. Os hormônios do estresse interferem no equilíbrio dos mensageiros químicos do cérebro, agravando a ansiedade por causa da perda dos seus agentes tranqüilizantes naturais.



Essa é a principal causa do pânico; uma forma de ansiedade que tem um ataque repentino no qual o indivíduo é dominado por um sentimento de que alguma coisa terrível lhe vai acontecer. Frequentemente é acompanhado de dores no peito e falta de ar. Tais sensações podem ser fortes o bastante para

levar a vítima a buscar ajuda imediata, já que ela pode se imaginar tendo um ataque cardíaco.

Ter um ataque de pânico é uma experiência tão aterradora que somente quem a vivenciou pode descrever. Felizmente não é um ataque mortal, embora o indivíduo certamente sinta que está quase morrendo. Na verdade, ele pode ser o mais terrífico de todos os distúrbios da ansiedade.

Por causa da generalizada incompreensão e do estigma associado com a ansiedade, muitos pacientes não recebem o tratamento apropriado. Eles sofrem desnecessariamente, e seu trabalho, família e vida social acabam desestruturados.

Tratamento

Não é demais lembrar que a preocupação é uma forma de ansiedade que é puramente psicológica em sua origem.

Já o pânico é muito diferente, na medida em que é algo biologicamente fundamentado e requer mais que um tratamento baseado em psicologia.

Se o problema é principalmente a redução dos tranqüilizantes naturais do cérebro, essa depleção deve ser tratada.

Inicialmente, o tratamento requer o uso de tranqüilizantes ou antidepressivos, que servem para prevenir futuros ataques enquanto o paciente faz as mudanças necessárias em seu estilo de vida, que assegurarão tranqüilidade a longo prazo. A cura final não será possível enquanto não houver significativa redução do nível de estresse.

Isso quer dizer que o tratamento efetivo inclui aconselhamento adequado e capaz. Embora alguns poucos casos sejam tão sérios que justifiquem alguns anos de medicação, muitos são resolvidos com o uso de medicamentos por pouco tempo.

Alguns cristãos rejeitam qualquer tratamento que envolva uso de tranqüilizantes. Realmente a questão do uso de

tranqüilizantes e outros medicamentos para saúde mental é um dos mais incômodos assuntos no tratamento da ansiedade e suas desordens. Os pastores deveriam estar sempre bem-informados e preparados para dar uma resposta.

A resposta é a seguinte: depende do tipo de ansiedade. Uma preocupação simples necessita ajuda espiritual e psicológica; mas, raramente necessita um tranqüilizante. Por que? Nada há essencialmente de errado com o tranqüilizante natural do cérebro. A química do cérebro é perfeitamente normal. A preocupação é aprendida e tem de ser desaprendida. Assim, se você ou alguém em sua congregação se preocupa excessivamente, deve buscar ajuda de um conselheiro cristão ou de um pastor.

Por outro lado, se alguém está sofrendo de ataques de pânico, certamente necessita de tratamento adicional, e isso inevitavelmente requererá um pe-

Mas um médico competente não permitirá que isso aconteça. Além de tudo, os tranqüilizantes artificiais somente funcionam porque o cérebro produz seus próprios tranqüilizantes naturais em circunstâncias normais. Isto é, não são algo estranho ao cérebro.

É aqui onde o estresse desempenha seu papel. Os tranqüilizantes naturais do cérebro, ou “hormônios da felicidade”, como a eles costumamos nos referir, são roubados pelo estresse. Quanto maior o estresse, menos desses hormônios tem uma pessoa. Portanto, até que o indivíduo possa atender o aviso da ansiedade e modificar o estilo de vida, de modo que reduza o nível de estresse, os tranqüilizantes artificiais podem ser necessários.

Conseqüências do descuido

De vez em quando encontro uma pessoa que sofreu um ataque de pânico e relata que conseguiu dominar o problema sem uso de medicação ou qualquer outro tipo de tratamento. Entretanto, isso invariavelmente acaba revelando que tal pessoa não sofreu uma forma muito severa de pânico ou que ela captou o problema em sua fase inicial. Na verdade, quanto mais cedo se faça uma intervenção, melhor será o resultado.

A verdade é que, para muitos, fazer isso sozinhos, no final das contas, não será de proveito algum pelo simples fato de que cada sucessiva crise de pânico simplesmente agravará o problema. Desenvolve-se o fenômeno “medo do medo”, no qual o temor de outras crises alimenta o medo subjacente e praticamente garante o agravamento da situação.

Ao lado disso, um efeito chamado de “inflamável” pode ser colocado em movimento. Ele se refere ao fato de que cada ataque de pânico torna mais fácil o próximo. Daí a analogia do fogo implícita no termo “inflamável”. O cérebro é acionado para disparar em cadeia o ataque.

Quais são as conseqüências as quais o pastor pode enumerar se alguém resistir ao tratamento?

A primeira é que, se o surto de pânico não for abortado, tão logo quanto seja possível, a vítima poderia facilmente se tornar mais disposta a repetilo. Ele pode se tornar mais episódico. A segunda conseqüência é mais séria: pode levar ao desenvolvimento de agorafobia, uma condição na qual o paciente fica tão temeroso de ter um ataque em um lugar inseguro, que se recusa a sair de casa.

O termo agorafobia significa “medo mórbido e angustiante de lugares públicos e grandes espaços descobertos”. É desnecessário dizer que esse é o desfecho mais nocivo e mais difícil de ser tratado que o pânico original, porque é mais psicológico em sua natureza.

A importância da ação

A preocupação excessiva pode se tornar um hábito mental. Quando isso acontece, necessitamos aprender como quebrar esse hábito sem ignorar seus perigos. A melhor maneira para fazer isso é tomar tempo para selecionar qual parte da preocupação é inútil (não leva lugar nenhum) e qual é a parte construtiva (ajuda-nos a evitar o perigo).

Isso significa que devemos encontrar um caminho para converter nossa preocupação em algo que podemos chamar de “cuidado”. Se pudermos eliminar a parte inútil da preocupação e claramente identificar o que pode ser uma leve inquietação para nós, conseguiremos quebrar o hábito e efetivamente seguir o conselho de Cristo: “Não andeis ansiosos”.

Mas como diferenciar o cuidado (que é saudável) da preocupação (que pode se tornar destrutiva)? Falando de maneira simples, preocupação é aquele tipo de atividade mental que conserva os pensamentos revolvendo na mente o tempo todo. Mantém-se em sua própria rotina dolorosa, em nada contribuindo para resolver o problema. Por outro lado, cuidado é o tipo de atividade mental que focaliza sobre um problema com uma visão de agir para resolvê-lo. Posso ficar preocupado com um tumor que surgiu em meu corpo e nada fazer a respeito disso; ou posso transformar a preocupação em cuidado e agir; procurar o médico.

Essa distinção é extremamente importante. Sem ela não podemos tratar



ríodo no qual deverá tomar algum tipo de medicação.

Uma concepção errada comum é que os tranqüilizantes são a principal medicação usada para tratar desordens psíquicas. Isso tem contribuído para a crença de que eles controlam a mente e viciam. Por isso muitos rejeitam o tratamento. O fato é que nem todo medicamento contra ansiedade é tranqüilizante; e o risco de dependência é alto principalmente quando o uso é incorreto.

razoavelmente com a preocupação, e seremos facilmente aprisionados por ela. Desde que o “sistema de advertência” subjacente ao fenômeno da preocupação é parte do desígnio de Deus, não podemos remover totalmente a preocupação. Assim, aprender como transformá-la em cuidado preserva o mencionado sistema e aponta um caminho mais saudável para resolver a inquietação.

Cinco passos

Antes de descrever algumas formas práticas para fazer isso, consideremos um tipo de preocupação que não tem valor resgatável. É aquele que frequentemente é dirigido pela crença irracional de que se nós nos preocupamos a respeito de alguma coisa, ela não acontecerá. Cedo em minha vida, descobri-me fazendo isso mais frequentemente do que gostaria. Embora saibamos que a preocupação não mudará qualquer coisa, não raro tendemos a perpetuá-la porque acreditamos inconscientemente que devemos pensar nela, orando continuamente, ou o evento com o qual nos preocupamos acontecerá.

Isso é claramente irracional, e deveríamos mudar tal crença. Na verdade, devemos orar e confiar a Deus qualquer coisa que nos incomode. Devemos deixá-la em Suas mãos. Ele ouve a oração. Nesse ponto, deixar de orar não é falta de fé, mas uma demonstração de que confiamos em Deus. Não seguimos um Deus surdo. Acreditemos nisso; deixemos o que nos perturba em Suas mãos, e conheceremos a verdadeira paz.

Aqui estão cinco maneiras práticas pelas quais um cristão pode tentar resolver o problema da preocupação excessiva:

Monitore seus pensamentos. Faça isso tão logo você se descubra preocupado. Tenha uma agenda em mãos e, assim que ficar preocupado, escreva o assunto como forma de repelir o pensamento. Isso alivia o cérebro de ficar ruminando a preocupação.

Adie a preocupação. Tendo escrito o motivo de seu incômodo, guarde a preocupação para voltar a ela quando tiver um tempo disponível, no futuro. Esse procedimento ajuda a sentir que você está no controle da situação.

Limite o tempo. Quando finalmente chegar o “tempo para se preocupar”, estabeleça que não gastará mais de, por exemplo, cinco minutos. Pesquisas

mostram que se você limita a preocupação a menos de cinco minutos, evitará que se torne um hábito. Mais tempo do que esse reforça o hábito.

Concentre-se no problema. Dedique os cinco minutos ao assunto que lhe preocupa. Faça isso em atitude de oração. Tente encontrar uma solução. Pergunte-se: “que posso fazer para tratar com este assunto?” É assim que você se capacita para mudar a preocupação em cuidado.

Livre-se da preocupação. Quando o tempo acabar, desfaça-se do que anotou na agenda e deixe de se preocupar. Se você imaginou um curso de ação, vá em frente e aja. Se não conseguiu encontrar uma saída, deixe tudo nas mãos de Deus e vá fazer outras coisas. Não se esqueça: a preocupação não vai mudar nada.

Essa técnica, embora não seja perfeita, tem ajudado muitos que se acham preocupados. Ela funciona porque ajuda a confrontar a preocupação e não fugir dela. Protege contra o que é chamado “incubação” da preocupação, um modelo que só reforça o problema.



Imagem: Eric

Parceria com Deus

Aos pastores e membros das igrejas aos quais eles ministram, minha mensagem aqui é particularmente importante. Nós estaremos nos deparando mais e mais com sinais de preocupação, ansiedade, pânico e outras desordens psíquicas. O estresse não será eliminado da cultura humana. Em nenhum outro tempo da História o ser humano viveu tão longe da tranquilidade e tão perto do precipício da ansiedade. Os pastores vivem sob a pressão de elevadas expectativas a seu respeito. Juntamente com os membros de suas congregações,

estão sobrecarregados pelas exigências da vida moderna. E isso não vai melhorar ou decrescer. Está cada vez mais difícil aprender a repousar.

Ao lado disso, muitos cristãos têm um preconceito muito forte contra medicamentos. Tal atitude poderia estar causando a si mesmos sérios prejuízos, ao eles rejeitarem um tratamento a curto prazo, uma medicação apropriada ou resistirem a uma boa terapia de aconselhamento com um conselheiro cristão. Antidepressivos podem ser tomados sob orientação e controle médicos, para que não causem dependência.

Finalmente, como já observamos antes, alguns cristãos são mais propensos a desenvolver alto nível de estresse. Na tentativa de ter uma boa vida, em geral nossa tendência é querer ignorar como as pressões a que nos submetemos podem nos causar problemas de ansiedade. Adquirir bem-estar integral confiados em nossos próprios recursos é uma causa perdida. Não é isso o que Deus deseja para nós. Quanto mais duramente tentarmos em nossa própria força, mais nossa vida vai ficar estressada. A vida em Cristo deveria ser uma vida equilibrada, com a tranquilidade natural que Deus deseja construir em nós.

Não há dúvida em minha mente no sentido de que o Senhor tenciona que vivamos em calma, serenidade, paz e tudo o mais envolvido na moderna expressão “qualidade de vida”. E isso é justamente o que Cristo promete em João 16:33, quando diz: “Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em Mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; Eu venci o mundo.”

Alguns anos atrás, ouvi a história de uma mulher que saudavelmente aprendera a transformar a preocupação em cuidado. Um repórter visitou aquela mulher, uma viúva que tinha seis filhos e adotara outras seis crianças.

“Como a senhora consegue criar essas crianças sozinha, e fazê-lo tão bem?”, perguntou o repórter.

A viúva respondeu: “É muito simples; trabalho em parceria.”

“Parceria?”, espantou-se o repórter?

“Sim, parceria”, respondeu calmamente a mulher, enquanto acrescentava: “Um dia, faz muito tempo, eu disse ao Senhor: farei o trabalho se o Senhor assumir a preocupação. E deu certo. Nunca fiquei preocupada.”

Tente fazer e ajudar seu rebanho a fazer essa parceria com Deus.



OUTRA VISÃO DE BABILÔNIA



GEORGE R. KNIGHT

*Ph.D., Professor de História no
Seminário Teológico da Universidade
Andrews, Estados Unidos*

Em que extensão os adventistas do sétimo dia deveriam cooperar com outras denominações cristãs? Deveriam os pastores adventistas colaborar com os pastores dessas Igrejas? Em que base? Ademais, não tem a Igreja Adventista ensinado que todas as outras Igrejas são parte da Babilônia caída, conforme Apocalipse 14:8 e 18:1-4?

Essas questões são importantes porque o adventismo historicamente tem experimentado alguma tensão a respeito delas, na medida em que diferentes indivíduos e grupos têm estabelecido várias interpretações a ela relacionadas. Felizmente, a história adventista lança uma grande porção de luz sobre o tema e as tensões geradas por ele.

Compreensão inicial

A mais antiga interpretação adventista de Babilônia foi estabelecida antes que o próprio adventismo do sétimo dia surgisse. Seu autor foi Carlos Fitch, um milerita com antecedentes congregacionais e presbiterianos. Por volta do verão

A história do adventismo contém luz suficiente para iluminar nossa atitude em relação a pastores e igrejas de outras denominações cristãs

de 1843, muitos mileritas adventistas, leigos e pastores, começaram a ser desligados de suas igrejas originais em virtude da recusa em silenciarem quanto à firme convicção da proximidade do advento.¹ Essa situação inspirou Fitch a pregar um sermão, em julho de 1843, intitulado “Sai dela, povo Meu”.

Nesse sermão, Fitch ampliou a interpretação sobre a Babilônia apocalíptica a partir da idéia, geralmente aceita entre seus contemporâneos irmãos protestantes, de que Babilônia era o catolicismo romano. Então, incluiu todos os que resistiam ao “reinado pessoal de Jesus Cristo sobre o mundo”. Assim, todos os cristãos que resistiam ao ensinamento central do milerismo foram incluídos como sendo “anticristo” e “Babilônia”. A única esperança para eles era sair de Babilônia. Do contrário, pereceriam.²

Essa interpretação seria perpetuada pelos primeiros adventistas sabatistas, levando Tiago White a escrever em 1850 que “a mensagem do segundo anjo [Apoc. 14:8] nos chama para sair das igrejas caídas [para] onde nós estamos agora, livres para pensar e agir por nós mesmos, no temor de Deus”.

Segundo a perspectiva de White foi a saída deles das “igrejas caídas” que preparou o caminho para a descoberta e pregação da mensagem do sábado. “É

um fato extremamente interessante”, ele escreveu, “que a questão do sábado começou a ser agitada entre os crentes no segundo advento imediatamente depois que eles, em atendimento à mensagem do anjo, deixaram suas igrejas. Deus trabalha em ordem. A verdade do sábado veio justamente no tempo certo para cumprir a profecia”³ de Apocalipse 14:12, com suas implicações para a restauração de todos os mandamentos de Deus antes do segundo advento.

Os primeiros sabatistas não apenas adotaram a compreensão de Fitch de que Babilônia estava completamente caída no fim de 1844, mas também seguiram Guilherme Miller na crença de que a porta da salvação fora fechada em outubro daquele ano. Miller desenvolveu a doutrina da “porta fechada” nos anos 1830, argumentando que a graça poderia terminar antes com o cumprimento dos 2.300 anos de Dan. 8:14, “ao redor do ano 1843”. Como ele interpretou a purificação do santuário como o segundo advento, sua lógica o levou à conclusão de que toda pessoa deveria ter feito uma decisão a favor ou contra Cristo, naquele tempo.⁴

Com tal compreensão em mente, uma reunião geral dos mileritas, realizada em Boston, em 1842, tinha resolvido “que a noção de uma graça depois

da vinda de Cristo é uma isca para destruição, inteiramente contraditória à Palavra de Deus, que positivamente ensina que quando Cristo vier, a porta será fechada e os que não estiverem preparados nunca poderão entrar”.⁵

Depois do grande desapontamento do milerismo, em 22/10/1844, o principal ponto de contenção foi: aconteceu alguma coisa nessa data? Os que diziam não ter acontecido nada tornaram-se adventistas da facção “porta aberta”. Quem defendia que alguma coisa acontecera pertencia à facção “porta fechada”.

Tendo em mente essa visão mais recente, Miller escreveu em 18/11/1844 que os arautos do segundo advento de Cristo terminaram sua “obra de advertir pecadores e tentar despertar uma igreja orgulhosa”. Uma separação entre “justos e ímpios” teve lugar e a missão do adventismo agora era a de encorajamento mútuo até a vinda de Jesus.⁶

Em fins de 1844 a “porta fechada” significava duas coisas, na visão de seus defensores: 1) que alguma coisa aconteceu em 22 de outubro; e 2) que a porta da graça tinha sido fechada.

Os emergentes sabatistas, liderados por José Bates e o casal White, adotaram o ensinamento da porta fechada com todas as suas implicações.⁷ Juntando essa crença com a interpretação a respeito de Babilônia, ficou muito longe a possibilidade de cooperação com outros grupos cristãos.

Compreensão modificada

Embora não entendessem isto por algum tempo, os adventistas sabatistas tinham um problema em sua idéia de que todas as outras Igrejas formam uma Babilônia caída. O primeiro aspecto do problema era sua interpretação da porta fechada. Cristo não voltara em outubro de 1844. Conseqüentemente, a porta da graça não tinha sido fechada então. Mas foi somente depois que eles reinterpretaram a purificação do santuário, de Daniel 8:14, que começaram a ver que, devido ao erro quanto ao segundo advento, também estavam errados quanto ao cumprimento do tempo de graça.

Embora uma nova compreensão da purificação do santuário fosse adquirida em 1848, foi somente poucos anos mais tarde que eles entenderam que essa nova compreensão requeria uma reinterpretação da posição mantida quanto à porta fechada. Essa reinterpretação foi forçada pelos novos con-

versos que não participaram do movimento milerita. Segundo a doutrina da porta fechada, teoricamente, eles não poderiam ser salvos.

No início dos anos 1850, os novos conversos levaram os sabatistas a revisar seu entendimento da porta fechada.⁸ Como resultado, eles ainda sustentaram que alguma coisa acontecera em 1844 e que a porta da graça poderia se fechar depois do segundo advento. Mas finalmente chegaram ao lugar onde queriam, ao admitir que ela ainda não tinha se fechado. Essa conclusão gerou implicações à idéia de que todas as outras igrejas compunham uma Babilônia caída. Tiago White estabeleceria tais implicações em 1859.

Em um artigo escrito na *Review and Herald* ele notou que o termo Babilônia significava a confusão doutrinária



Imagem: Arte Digital sobre foto de PhotoDisc

de várias seitas. Então continuou aplicando a “Babilônia do Apocalipse a todo o cristianismo corrupto”. Mas, de modo significativo, interpretou a queda de Babilônia como sendo progressiva, e não um fenômeno que tinha sido completado nos anos 1840, como os sabatistas defendiam inicialmente.⁹

Enquanto Fitch tinha visto Apocalipse 14:8 e 18:1-5 como um evento, Tiago White afirmava que embora a queda de Babilônia em 14:8 “esteja no passado”, a queda estabelecida em 18:1-4 é presente e “especialmente” futura.

Da forma como ele declarou em 1859, “primeiro ela cai; segundo, torna-se habitação de demônios, e ‘a morada de todo espírito imundo’; terceiro, o povo de Deus é chamado a sair dela; e, quarto, as pragas são derramadas sobre ela”.¹⁰

Ellen White concordou com a reinterpretação do seu marido de que a queda de Babilônia é progressiva. Porém, mais adiante ela mudaria sua compreensão. Para ela “o perfeito cumprimento de Apocalipse 14:8 ainda está no futuro”. Por conseguinte, “muitos verdadeiros seguidores de Cristo ainda” podem ser encontrados naquelas igrejas fora do adventismo. Assim, Babilônia é confusa, mas não está totalmente caída. Além disso, o chamado para sair dela não alcança sua força completa até justamente antes do advento, quando a queda progressiva estiver completada. Por isso ela dizia que o convite “Sai dela, povo Meu”, de Apocalipse 18:1-4, “se constituirá a final advertência a ser dada a todos os habitantes da Terra”.¹¹

Teologia por associação

Com sua reinterpretação da porta fechada e da queda de Babilônia, Tiago e Ellen White criaram um fundamento teológico para guiar a compreensão e prática dos adventistas do sétimo dia em seu relacionamento com outros organismos cristãos. Essa cooperação tornou-se cada vez mais importante à medida que os adventistas compreendiam que o segundo advento não estava tão perto como eles inicialmente esperavam.

Entretanto, a idéia de cooperação com os “de fora” geraria suas próprias tensões dentro da denominação. Essas tensões dividiriam o pensamento adventista entre o que poderia ser chamado de orientação “moderada” e orientação “linha dura”. Os moderados defendiam a associação ou cooperação, desde que isso não comprometesse a integridade ética e doutrinária do movimento. Os “linha dura” tinham dificuldade em aceitar a idéia de cooperar com qualquer grupo que não visse as coisas exatamente como eles viam.

Um exemplo de cooperação é o relacionamento do adventismo com a União de Mulheres Cristãs Pró-Temperança. Esse movimento tinha, obviamente, algumas boas idéias. Ademais, advogava uma causa que interessava ao adventismo. No início de 1877, os ad-

ventistas uniram seus esforços aos daquele grupo.

Até aí, muito bem, o assunto era temperança. Mas, em 1877, elas enlamearam as águas alinhando-se com a Associação Nacional de Reforma, que pressionava em favor de uma lei para santificar o domingo. No mesmo ano a União Pró-Temperança adicionou o Departamento de Observância do Domingo à sua organização. No ano seguinte, acabaria apoiando a cédula pró-domingo do senador Blair.¹²

Tais mudanças fariam com que a União Pró-Temperança fosse vista pelos adventistas como avançando em direção à Babilônia. Enquanto apoiava “a verdade” da temperança, a instituição ao mesmo tempo apoiava um sábado errado. Se isso não era confusão ou Babilônia, o que era? A questão continuou causando tensões nas hostes adventistas através dos anos 1890.

Apesar dos problemas, Ellen White e outros buscaram cooperar tanto quanto possível com as forças pró-temperança, durante os anos 1890, embora outros adventistas não estivessem tão seguros se deveriam cooperar pessoalmente. Alguma coisa pareceu mudar, em fins de 1899 e início de 1900, quando a União Pró-Temperança declarou-se contrária à perseguição daquelas pessoas que adotassem um outro dia de repouso. A nova demonstração de tolerância, de fato, não mudava o pensamento da organização sobre o domingo.

Foi nesse clima que o editor da *Review and Herald*, Alonzo T. Jones, publicou uma série de editoriais sugerindo que a União Pró-Temperança era apóstata e estava logicamente alinhada com as forças da perseguição.¹³

Em resposta à mentalidade “linha-dura” de Jones, Ellen White lhe escreveu uma série de cartas. Como alguém que estava trabalhando dentro de uma certa dose de tensão, ela aconselhou o impetuoso Jones a não ser tão duro com aqueles que não viam as coisas com olhos adventistas. “Há”, ela escreveu, “verdades vitais sobre as quais eles têm pouca luz.” Conseqüentemente, “devem ser tratados com ternura, em amor, e com respeito por seu bom trabalho. Você não deve conduzi-los como desta maneira.”¹⁴

Ela disse ainda que não estava argumentando contra a “verdadeira” posição que ele tomava, mas contra sua falta de visão, tato e bondade. Sua abordagem, ela afirmou, levaria os

membros da União de Temperança a concluir ser “impossível ter qualquer união com os adventistas do sétimo dia, porque eles não nos dão chance disso, a menos que creiamos exatamente o que eles crêm”.¹⁵

Ellen White era claramente contra esse tipo “oito ou oitenta” de intolerância. Para ela, “deveríamos procurar ganhar a confiança dos obreiros da União Pró-Temperança, harmonizando com eles tanto quanto possível”. Eles poderiam fazer alguma palestra em campais adventistas, mesmo que houvesse algum erro em seu discurso. Com esse arranjo, ela pensava, poderia haver muitos resultados positivos. Os adventistas poderiam aprender métodos mais efetivos de evangelismo com a temperança, enquanto, ao mesmo tempo, os obreiros da União poderiam captar uma compreensão mais equilibrada do sábado e de outras verdades do adventismo.¹⁶


A Sra. White deplorou a abordagem de Jones à União Pró-Temperança. Aconselhou que ele não descrevesse “a verdade e a situação de modo tão pavoroso que os membros da União de Temperança das Mulheres Cristãs se afastassem desesperados”. Pediu-lhe, como sempre o fazia, que orasse para que o Senhor pudesse lhe dar uma “pena santificada”, “discrição” e “ternura cristã” diante daqueles que não viam as coisas da mesma forma que ele.¹⁷

Esse era um conselho difícil de aceitar por aqueles que viam tudo em termos de branco ou preto. Para esses, a posição moderada era um compromisso inaceitável. Muitos anos mais tarde, Ellen White escreveu: “Enquanto eu estava na Austrália, o Pastor A. T. Jones, por um curso de ação imprudente, quase tirou toda oportunidade para nosso trabalho” em favor das pessoas da União Pró-Temperança. Acrescentou que seu marido sempre procurou dar aos obreiros da temperança “uma oportunidade para falar” em suas reuniões, e sempre aceitou prontamente convites para falar a eles.¹⁸

Poucos meses depois, ela escreveu que “a União de Mulheres Cristãs Pró-Temperança é uma organização a cujos esforços para disseminar os princípios de temperança nós podemos nos unir. Pela luz que me foi dada, não devemos trabalhar separados deles, mas enquanto não houver sacrifícios de princípios da nossa parte, tanto quanto possível devemos unir-nos a eles no trabalho pelas reformas na temperança. ... Foi-me

mostrado que não devemos evitar os obreiros da União de Mulheres Cristãs Pró-Temperança. Mas unindo-nos a eles em favor de total abstinência, não mudando nossa posição quanto à observância do sétimo dia, podemos mostrar-lhes nossa apreciação por sua posição sobre a temperança. Abrindo-lhes as portas e convidando para que se unam conosco, asseguramos a sua ajuda na causa da temperança, enquanto eles ouvirão novas verdades as quais o Espírito Santo deseja imprimir nos corações”.¹⁹

Foi esse mesmo espírito conciliador que levou Ellen White a sugerir que os pastores adventistas deveriam se familiarizar com outros pastores, levando-os a compreender que os adventistas são “reformadores, mas não fanáticos”. Seu conselho focalizava sobre verdades que são “terrenos comuns” que o adventismo deve partilhar com outros e “apresentar a verdade tal como é em Jesus”, em lugar de combater outras Igrejas. Com essa técnica, nossos pastores devem “procurar aproximar-se dos ministros de outras denominações”.²⁰

Provavelmente, sempre haverá os “linha-dura” e os “moderados” no adventismo, que estarão prontos a disparar seu canhão babilônico contra toda pessoa que discordar do seu ponto de vista. Entretanto, o Senhor dá-nos luz, sabedoria e direção, para lidarmos com esse importante assunto. 

Referências:

- George Knight, *Millennial Fever and the End of the World: A Study of Millerite Adventism* (Nampa Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1993).
- C. Fitch, *Come Out of Her, My People* (Rochester, NY: J. V. Himes, 1843), págs. 9-11, 16, 18, 19 e 24.
- Present Truth*, 04/1850, pág. 68.
- George Knight, *A Search for Identity: The Development of Seventh-Day Adventist Beliefs* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2000), págs. 55-57.
- Signs of the Times*, 01/06/1842, pág. 69.
- Advent Herald*, 11/12/1844, pág. 142.
- Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1 (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), pág. 74.
- Seventh-Day Adventist Encyclopedia*, vol. 2, págs. 249-252.
- Review and Herald*, 10/03/1859.
- Ibidem*.
- Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988) págs. 389, 390 e 604.
- Eric Syme, *A History of SDA Church-State Relations in the United States* (Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1973), págs. 29 e 30.
- Review and Herald*, 12/12/1899, pág. 804; 19/12/1899, pág. 820.
- Ellen G. White, *Carta a A. T. Jones*, 18/04/1900.
- Ibidem*.
- Ibidem*, 06/02/1900; G.A. Irving, *Carta a Ellen G. White*, 16/03/1900.
- Ellen G. White, *Carta a A. T. Jones*, 18/04/1900; 28/04/1899; 01/05/1899.
- _____, *Carta a J. A. Burden*, 02/09/1907.
- Review and Herald*, 06/1908, pág. 8.
- Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), págs. 143, 144, 227 e 562.

QUANDO FALTA O ESPÍRITO



CALVIN B. ROCK

*Ph.D., vice-presidente jubilado da
Associação Geral da IASD*

Nosso texto, João 7:37-39, apresenta Jesus falando na Festa dos Tabernáculos: “No último dia, o grande dia da festa, levantou-Se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crer em Mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água vida. Isto Ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nEle cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.”

Em cada um dos sete dias da festa, os líderes, em comemoração do milagre ocorrido 40 anos antes, quando foi providenciada água da rocha para seus antepassados, lideravam o povo em procissão ao tanque de Siloé. Aí, tanto quanto pudessem, bebiam água e então seguiam os sacerdotes de volta ao templo com enormes vasos de água onde, entre sons de clarins e trombetas, alegres cantos de hosanas, os derramavam sobre o altar de ofertas queimadas.

João observa que a água ali derramada era símbolo do Espírito Santo que, até aquele tempo, “não fora dado” (João 7:39), indicando que embora eles tivessem os pergaminhos e os profetas, e mesmo a presença do próprio Jesus, ainda não haviam recebido o Espírito Santo.

Apesar de suas memoráveis conquistas, a Igreja pode e deve fazer muito mais. E a Bíblia é clara, ao apontar as condições mediante as quais ela pode experimentar um outro Pentecostes

Nessa reflexão, surgem muitas lições críticas. A primeira é que nós devemos considerar o papel do Espírito Santo na vida da Igreja primitiva. Por trás da expressão “não fora dado”, relacionada ao Espírito Santo, estava algo curioso, até contraditório. Afinal, o Espírito Santo é mencionado não menos que 89 vezes no Antigo Testamento. Foi Ele quem, “no princípio” movia-Se “sobre a face do abismo” (Gên. 1:1 e 2), transformando o caos em cosmos; foi Ele quem deu força a Sansão, quem entregou mensagens especiais a Josué, Gideão e Saul; foi Ele a respeito de quem Davi disse “nem me retires o Teu Santo Espírito” (Sal. 51:11).

Como então poderia João dizer que “o Espírito Santo não fora dado”? Na verdade, ele podia fazer isso porque, embora reconhecesse os maravilhosos caminhos pelos quais o Espírito Santo trabalhara antes do Pentecostes, foi também testemunha ocular das consequências de Sua presença depois daquele evento.

Jesus tentou educar Seus discípulos a respeito do papel especial e do impacto que o Espírito Santo exerceria na Igreja depois de Sua partida. Disse Ele: “E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador” (João 14:16). A expressão grega aqui para “outro Consolador” é *Allos Paracletos*. A palavra *paracletos* quer dizer “ajudador” ou “advogado”; e *allos* significa “um outro” tal como Ele, mas que, livre das limitações

humanas voluntariamente assumidas por Ele, poderia, através deles, fazer obras ainda maiores.

Era um mistério que os discípulos não podiam resolver. Jamais conseguiriam! Jesus foi para o Céu e o Espírito veio. E eles se lançaram impregnados de um poder tão intenso, que puderam falar em línguas desconhecidas, curar enfermos, expulsar demônios e em um dia converter três mil pessoas. Foi então que compreenderam o mistério. De modo que, agora, João está comparando o desempenho antes do Pentecostes com a poderosa experiência após o Pentecostes.

Impacto sobre a Igreja

Segunda lição: nessas palavras vemos não apenas o impacto do Espírito Santo sobre a Igreja primitiva, cujos líderes O mencionam 240 vezes no Novo Testamento, mas Seu prometido impacto sobre a Igreja remanescente. E qual é esse impacto? Joel o estabelece: “E acontecerá, depois, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o Meu Espírito naqueles dias” (Joel 2:28 e 29).

Ellen White, referindo-se à chuva serôdia e à explosão final de poder do Espírito Santo, diz que “o derramamento do Espírito, nos dias apostólicos, foi a ‘chuva temporã’ (Joel 2:23), e glorio-

so foi o resultado. Mas a 'chuva serôdia' será mais abundante".¹ E acrescenta: "Esta obra será semelhante à do dia de Pentecostes. Assim como a 'chuva temporã' foi dada, no derramamento do Espírito Santo no início do evangelho, para efetuar a germinação da preciosa semente, a 'chuva serôdia' será dada em seu final para o amadurecimento da seara."² Contrastando essa explosiva promessa com o nosso desempenho, somos forçados a admitir que "o Espírito Santo não fora dado".

Essa sincera avaliação não subestima o progresso que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem feito em comparação com outros grupos religiosos. É possível dizer que temos sobrevivido bem e, de fato, podemos com razão proclamar notáveis sucessos em nossa continuada expansão global. O problema é que ainda estamos no deserto do tempo; ainda fora dos limites de Canaã; ainda estamos esperando o derramamento do poder a fim de completar nossa tarefa.

É com razão que continuamente cantamos: "Gotas somente nós temos; chuvas rogamos a Deus." À luz do poder prometido, nós somos laodiceanos mornos e nossos relatórios revelam a desconfortável realidade: "o Espírito Santo não fora dado".

A questão mais relevante, entretanto, para a Igreja é como a situação pode ser remediada ou quais são as condições necessárias para experimentarmos um moderno dia de Pentecostes. A Bíblia é muito clara a esse respeito.

Condições para receber o Espírito

A primeira condição para recebimento do Espírito Santo é a seguinte: "Pedi ao Senhor chuva no tempo das chuvas serôdias, ao Senhor, que faz as nuvens de chuva, dá aos homens aguaceiro e a cada um, erva no campo" (Zac. 10:1).

O derramamento não acontecerá automaticamente. Ao contrário do ciclo da natureza, onde as estações são estabelecidas e as chuvas da colheita, a menos que sejam interrompidas por exceções atmosféricas, seguem respeitosamente as ordens do calendário, a chuva serôdia não virá à revelia para todas as pessoas.

Devemos desejá-la ardentemente e, tal como Jacó, lutar em angustiante súplica; ou então a chuva serôdia permanecerá como uma catarata de bênçãos represadas. E se tal situação permanecer, nossa geração, a exemplo dos que

vieram antes de nós, continuará operando realizações comuns e rotineiras, será chamada ao descanso, trocando a trasladação pela ressurreição sob a triste sentença: "o Espírito ainda fora dado".

A segunda condição é encontrada no evangelho de Lucas: "Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Luc. 24:49). A tradução mais próxima da palavra grega para "permaneçei" é "sentar". Mas isso não significa um incentivo à ociosidade. Pelo contrário, era um mandato à meditação, antes da participação; uma injunção para purificar e iluminar mentes e corações antes do engajamento de mãos e pés. É uma advertência no sentido de que a correria física sem a presença do Espírito produz pouco (I Tim. 4:8), e que qualquer atividade, mesmo em prol da Causa de Deus, que exclua o tempo de devoção é deficiente.

Na verdade, foi seu "agir" antes de "permanecer" que levou os discípulos a escolherem Matias, a respeito de quem não ouvimos falar novamente, para substituir Judas (Atos 1). Jesus havia dito, em essência: "Não façam qualquer coisa até que esperem e o Paracleto venha". Tivessem eles esperado o bastante, e seguramente haveriam escolhido Paulo ou Silas, ou qualquer outro que pudesse ter trazido estabilidade à Causa. Mas parece que eles apressaram a es-

colha de Matias porque, embora tivessem decifrado o sentido da Causa, não discerniram a vontade de Deus.

Não é que Matias fosse um mau discípulo; mas, aparentemente, por correrem na frente do Espírito Santo, os discípulos substituíram um exímio traidor por um mediano seguidor leal. Esse exemplo nos lembra que devemos experimentar consagração antes de fazer uma nomeação; e que devemos sempre esperar antes de calcular. Se não agirmos dessa maneira, os resultados inevitavelmente declararão: "o Espírito não fora dado".

A terceira condição: "Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar" (Atos 2:1). Todos? Como poderiam 120 pessoas ser "todos" quando, de acordo com I Cor. 15:6, mais de quinhentas pessoas tinham visto a Cristo ressuscitado poucas semanas antes? Evidentemente, os demais 380 ficaram tão distraídos e desanimados pelos eventos que, a despeito da última evidência, acabaram confundidos em relação à promessa que lhes ordenava esperar juntos em Jerusalém. Mas, apesar de tudo, com apenas 120 presentes no cenáculo, o Espírito Santo encontrou o consagrado núcleo do Reino da Graça.

A boa vontade em contrariar a opinião popular em obediência ao mandamento de Cristo foi essencial para sua



Imagem: Antônio Pires



Imagem: William

participação no Pentecostes. Assim é conosco. Apenas aqueles que vivem a “verdade presente”, aqueles que, a despeito das tendências populares dentro e fora da Igreja, obedecem aos preceitos do Senhor, serão abençoados com a promessa da chuva serôdia e o fogo do Espírito, escapando à sombria sentença: “o Espírito não fora dado”.

No mesmo verso encontramos a quarta condição, enfatizada na afirmação “estavam reunidos”. Essa expressão, repetida por Lucas cinco vezes nos primeiros cinco capítulos de Atos, sugere não um grupo de personalidades monolíticas, mas pessoas de características diferentes trabalhando com propósito e atitude singulares (Atos 1:14).

Quando estamos afinando um órgão, por exemplo, devemos testar e teclar todas as notas para padronizar o tom. Da mesma forma, o objetivo fundamental dos crentes não é concordar com tudo e todos; mas “teclar” todas as idéias e opiniões e afinar o tom da concordância com Cristo. Podemos concordar com

todo mundo e ainda estar errados. Quando simplesmente concordamos com tudo, baixamos nossa visão e diminuímos os padrões. Restringimos o influxo do divino poder e ouvimos o veredicto: “o Espírito Santo não fora dado”.

Mas, alguém pode perguntar: “Desde que nossas diferenças culturais, bem como os muitos níveis de educação dentro dessas culturas tornam tão difíceis a compreensão uniforme e a aplicação das Escrituras, como podemos estar verdadeiramente em harmonia?” A resposta é: seguindo a metodologia que guiou o primeiro concílio da Igreja.

No concílio de Jerusalém, relatado em Atos 15, a unanimidade não aparece como uma mesmice transnacional ou transcultural. O que os crentes conseguiram foi unidade na diversidade, enraizada no princípio do amor, emoldurada na boa vontade para ver as perspectivas doutrinárias de alguém como não mais normativas que as de outros e, conseqüentemente, comprometer o impacto do todo.

A quinta condição que os cristãos primitivos cumpriram é revelada nas seguintes palavras: “De repente, veio do Céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados” (Atos 2:2). É uma lei da natureza que o vento procura entrar num espaço vazio; não um que já esteja ocupado. Seus efeitos agradáveis são sentidos onde existe o vácuo, o convite do vazio, o aceno da vacância. Assim é com o Espírito Santo.

Os discípulos tinham-se esvaziado de todas as tendências contrárias, antes que pudessem ser cheios com o Espírito. Pedro esvaziou-se da presunção; Tomé esvaziou-se da dúvida; Tiago e João deixaram a ambição; Filipe, a descrença; André esvaziou-se da ingenuidade; Simão, dos seus ressentimentos.

Se desejamos ser cheios, devemos esvaziar o coração de tudo o que impede a vinda do Espírito. Nada que represente obstáculo à vinda do Espírito deve ocupar nosso coração e nossa mente. Nesse caso, o aviso de “não há vaga” as-

signala que estamos satisfeitos com nossa presente condição espiritual; nossa orgulhosa relutância em despir-nos das vestes de justiça própria que, na verdade, significam nenhuma justiça. A menos que o façamos, estamos destinados a passar o resto de nossa vida em competição obstinada, trabalhando e colhendo mínimos resultados, algemados pela limitada realidade de que “o Espírito Santo não fora dado”.

O que Cristo fez

A lição mais importante desses versos, entretanto, não é o que devemos fazer, mas o que Cristo já fez para disponibilizar a chuva serôdia.

Observemos novamente Atos 2:1, que diz: “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes...” Notemos que o Pentecostes não era um evento isolado. Era a segunda das três grandes festas, e estava programada exatamente 50 dias após a morte do cordeiro que marcava o início da Páscoa, a primeira das festas. Em outras palavras, o Pentecostes era consequência da Páscoa; a colheita estava ancorada no sacrifício.

Essa seqüência contém uma verdade para nós hoje, ou seja: devemos abraçar a paixão de Cristo antes que possamos desfrutar o poder do Espírito. Sem calvário não haveria Pentecostes. Sem o sofrimento do Salvador, não haveria a capacitação através do Paracleto. Sem o derramamento do sangue do Cordeiro, o fogo não cairia. Nada restaria senão o triste sumário do nosso testemunho raquítico – “o Espírito Santo não fora dado”.

Uma outra condição para o recebimento do Espírito é extraída do nosso texto original, João 7:39, que diz: “... pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado”. Jesus tinha de ser glorificado antes que os discípulos fossem eletrificados. E assim Ele morreu na sexta-feira pascal, repousou no sábado da salvação e retornou à glória com Seus troféus ressuscitados, no domingo das primícias. Em seguida, conforme o estabelecido calendário de festas, esperou 50 dias para implementar o derramamento.

Durante os primeiros 40 dias de Sua espera, Jesus fez seis aparições ao grupo íntimo de seguidores. Nada mais revelador que Sua visita aos discípulos, sem a presença de Tomé. Naquela ocasião, como se Ele mal pudes-

se esperar para contemplar a alegria daqueles Seus filhos, providenciou algo como um prelúdio do Pentecostes ao soprar sobre eles e dizer: “Recebei o Espírito Santo” (João 20:22).

A mais acurada tradução desse verso transmite o sentido de Jesus Cristo apresentando o Seu amigo Espírito Santo como o líder que chega para conduzir os discípulos. Então, dez dias após, Ele ascendeu, tal como Davi tão impressiva e expressivamente descreve no Salmo 24, e Ellen White também o faz no livro *O Desejado de Todas as Nações*.³ Na corte celestial, foi recebido com o louvor e aclamação dos anjos.

Mas no meio de toda a celebração, no Céu, Ele não esqueceu os discípulos aqui na Terra. De modo que, enquanto os discípulos estavam orando em um lugar secreto, Ele estava suplicando no lugar santo. O derramamento que aconteceu no Pentecostes assinalou o clímax da celebração de Sua coroação e o começo do Seu papel como nosso Paracleto celestial. Agora, nós temos não apenas o Consolador e Paracleto terrestre, mas o Paracleto e Consolador celestial, operando em série a nossa salvação.

O Pentecostes assinalou que Jesus foi completamente vencedor, Seus discípulos puderam ser completamente iluminados e o lugar onde se encontravam foi abalado, à medida que eles foram impregnados com o Espírito Santo.

Súplica atendida

Nossa fervente oração deveria ser: opera novamente, Senhor; opera novamente! E é encorajador notar que não estamos sozinhos nessa petição. As orações de todos os crentes remanescentes que morreram na bendita esperança foram impulsionadas por este momentoso evento.

É-nos dito que “o depósito de glória que se está acumulando para a conclusão desta obra... de orações que ascendem ao Céu pelo cumprimento da promessa – a descida do Espírito Santo – não é em vão. Cada oração tem sido acumulada, pronta para transbordar e fluir numa inundação de celeste influência e luz sobre todo o mundo”.⁴


Quando isso acontecer, ao invés de nos lançarmos uns contra os outros, nos atacarmos juntos contra as forças de Babilônia. Em vez de disputarmos sobre obscuridades teológicas, estaremos nos reunindo ao redor de funda-

mentos inabaláveis e propagaremos o evangelho com poder. Em lugar de politizar sobre quem é o maior, proclamaremos a doutrina que é a maior – a justiça de Cristo.

A declaração de Ellen White sobre essa experiência é: “Servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, apressar-se-ão de um lugar para outro para proclamar a mensagem do Céu. Por milhares de vezes em toda a extensão da Terra, será dada a advertência. Operar-se-ão prodígios, os doentes serão curados, e sinais e maravilhas seguirão os crentes.”⁵

Mas, esperem. Acho que ouvi o concílio celestial sendo convocado agora. O primeiro item da agenda é o assunto da conversão. “Há alguma proposta para que esse processo seja completado em Meu povo remanescente?”, pergunta o Pai. “Sim, Pai”, o Filho responde, acrescentando: “Eu neles, e Tu em Mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade” (João 17:23). E o Espírito Santo manifesta Seu apoio: “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rom. 8:14).

O próximo item da agenda é o tema da ressurreição. Novamente, o Filho propõe: “Desde que Eu venci a sepultura, proponho que sejam ‘bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor’”. E o Pai inquire: “Há um apoio?” “Sim”, diz o Espírito Santo, dando o Seu testemunho: “para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham”.

Tudo isso nos leva ao item da Segunda vinda e à transformação da Igreja militante em Igreja triunfante. Outra vez Jesus propõe, declarando: “Eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras” (Apoc. 22:12). Então, algo maravilhoso acontece; não apenas um apoio a essa proposta, mas dois: “O Espírito e a noiva dizem: vem! ... Vem, Senhor Jesus” (Apoc. 22:17 e 20). 

Referências:

¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 827.

² _____, *O Grande Conflito*, pág. 611.

³ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, capítulo 87 (Para Meu Pai e vosso Pai).

⁴ _____, Carta 96A, 1899.

⁵ _____, *O Grande Conflito*, pág. 612.

A ATRAÇÃO DOS SEMELHANTES



Divulgação

PAULO CÂNDIDO DE OLIVEIRA

Pastor distrital na Associação Mineira do Sul, Brasil

Um dos maiores desafios para o ministério pastoral na atualidade é a formação de bons líderes que ajudem a dividir as cargas do pastorado em seus vários aspectos. O problema aumenta quando entramos em contato com o fardo material sobre liderança e suas técnicas modernas. Então descobrimos que os princípios apresentados servem muito bem para uma empresa na qual o pragmatismo impõe que, se você é chefe e tem um funcionário que não cumpre as metas e determinações, simplesmente pode dispensá-lo e contratar alguém com um perfil mais de acordo com seus propósitos.

Essa idéia é muito clara no mundo empresarial e nos bastidores do esporte, onde se troca de jogador e de técnico no momento em que as coisas dão erradas. Mas, na liderança pastoral, a situação é um pouco diferente. Nem sempre o pastor tem a liberdade para simplesmente descartar o primeiro ancião, o diretor do Ministério Pessoal ou qualquer outro colaborador. Os oficiais de uma congregação exercem trabalho vo-

As pessoas são atraídas por líderes cujos valores são iguais aos seus, não importando se esses valores são positivos ou negativos

luntário. Ademais, existem princípios éticos que norteiam o relacionamento entre o líder cristão e seus liderados, e que não podem ser passados por alto.

Não se pode tratar as pessoas como se fossem produtos descartáveis. O que devemos fazer é formar líderes eficientes, qualificados e comprometidos com a missão. Como alcançar esse objetivo? Eis nosso desafio. Há, no entanto, alguns princípios de liderança que podem nos ajudar no desempenho dessa tarefa. Vale a pena refletir sobre eles.

Lei do magnetismo

Imaginemos se todos os líderes que fossem escolhidos para desempenhar uma função aceitassem todos os desafios propostos. Não seria isso maravilhoso? A boa notícia é que, de acordo com o escritor John C. Maxwell, pastor e especialista em liderança, podemos tornar possível esse ideal através da chamada lei do magnetismo.¹ Nas palavras de Maxwell, “quem você é define quem você atrai”.²

O magnetismo aqui referido é encontrado claramente nos chamados que Jesus Cristo fez a Seus discípulos: a Pedro e André Ele disse “vinde após Mim” (Mat. 4:19); a Tiago e João, “chamou-os” (Mat. 4:21).³ E eles res-

ponderam imediatamente. “No mesmo instante, deixando o barco e seu pai, O seguiram.” 4:22). O evangelho de Marcos nos informa que Jesus tinha ao Seu lado quem “Ele mesmo quis” (Mar. 3:13). O Mestre conhecia esse princípio de liderança e obteve sucesso no seu uso.

Os discípulos, “movidos por um irresistível impulso, seguiram a Jesus”,⁴ primeiramente. Depois, às Suas idéias. Antes de aceitar o que você ensina, as pessoas precisam aceitar você. Grandes projetos ou idéias não farão com que as pessoas o sigam. Elas não seguirão seu discurso; seguirão você. Pessoas não se comprometem primeiramente com idéias, e sim com pessoas. “Não é o que você quer que determina as pessoas que você consegue. Quem determina isso é o que você é.”

A atração dos semelhantes

Um dos pensamentos interessantes de Maxwell é que “na maioria das situações, você atrai pessoas que possuem as mesmas qualidades suas. Os líderes atraem pessoas semelhantes a si mesmos”.

A máxima popular segundo a qual “os opostos se atraem” deve ser levada em conta apenas nos casos amorosos.



pode fazer pelo seu país.” Nos dias seguintes a essa convocação, milhares de jovens e idealistas se apresentaram como voluntários.

Em contrapartida, houve Adolf Hitler com seu idealismo tenebroso, e que também foi seguido por homens como Hermann Goering, fundador da Gestapo, Joseph Goebbels, anti-semita cruel que dirigia a máquina da propaganda nazista, e outros. É provável que você encontre o seu próprio caráter, com seus aspectos positivos e negativos, nos seus liderados.

Experiência. Isto é, senso comum semelhante desenvolvido através da vida. Os líderes que você atrai são parecidos com você em estilo e capacidade.

Do presente ao futuro

Provavelmente até chegar a este ponto sua mente projetou um filme de seus liderados. Imaginemos que você notou que algo não lhe pareceu bem, que eles não estão respondendo como você gostaria, ou estão pessimistas demais, emperrando os planos. Se você acha que as pessoas das quais está cercando poderiam ser melhores, pode ser que seja hora de você mesmo começar a mudar.

Lembre-se: “quem você é define quem você atrai.” Muita coisa depende apenas de você. Portanto, levante-se, leia, invista em seu crescimento, ore, tente algo novo, procure ser melhor. Submeta-se aos planos de Deus, permitindo que Ele desenvolva em você todo o potencial que lhe deu. Você verá os resultados. **M**

Quando a questão envolve liderança, na maioria das vezes, as pessoas as quais atraímos têm mais semelhanças do que diferenças conosco. Analise as seguintes características e, provavelmente, irá descobrir que você e os seus liderados têm muito em comum em vários destes aspectos fundamentais:

Atitude. Pessoas que têm atitudes positivas não gostam de estar ao lado de alguém pessimista, que repete o tempo todo que isto ou aquilo não dará certo.

Geração. Temos a tendência de querer ao nosso redor pessoas da mesma faixa etária. “Você atrai gente como você”, ensina Maxwell.

Passado. Li, faz pouco tempo, a biografia do apresentador de televisão, Sílvio Santos.⁵ Era um garoto pobre que,

com muita luta, muito trabalho, honestidade, seriedade e um incrível faro empresarial, tornou-se um dos homens mais ricos do Brasil. Ao longo de sua vida, cercou-se de pessoas especiais, para dirigir suas empresas e presidir seus conglomerados financeiros. Homens de sua inteira confiança e que, na maioria dos casos, têm uma história de vida parecida com a sua.

Valores. As pessoas são atraídas por líderes cujos valores são semelhantes aos seus, não importando se esses valores partilhados são positivos ou negativos. Basta ver o exemplo do ex-presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, que formou a força de paz convocando o povo a servir, usando a célebre frase: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você; pergunte o que você

Referências:

As idéias deste artigo estão fundamentadas no capítulo “A lei do magnetismo”, do livro *As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança*, de John C. Maxwell.

¹ John C. Maxwell, *As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança* (São Paulo SP: Editora Mundo Cristão, 1999).

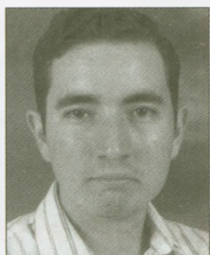
² *Ibidem*, pág. 107.

³ *A Bíblia Sagrada, versão Almeida, Revista e Atualizada.*

⁴ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), pág. 138.

⁵ Arlindo Silva, *A Fantástica História de Sílvio Santos* (São Paulo, SP: Editora do Brasil, 2000).

MÃO AJUDADORA



Divulgação

PATRÍCIO CALDERÓN

Bacharel em Teologia, professor no Colégio Adventista Loma Linda, em Galápagos, Equador

A experiência da conversão proporciona ao novo crente uma mudança de vida que é resultado do seu encontro com Jesus. Tal mudança implica, entre outras coisas, um abandono das tendências que o pecado impôs ao ser humano, entre as quais está o egoísmo.

Um dos aspectos distintivos dos cristãos é a generosidade para com o semelhante, nos limites do contexto social e cultural. O exemplo do seu Mestre, Jesus Cristo, foi uma vida de entrega aos demais, e suas pregações instavam permanentemente a Seus seguidores no sentido de amarem ao próximo e se preocuparem com suas necessidades. Após Sua ascensão, o mundo conhecido daquela época foi revolucionado pela conduta generosa dos primitivos cristãos, impulsionados por amor e zelo alimentados pelo exemplo do Senhor, e também pelo ânimo, motivação, pregação e escritos dos apóstolos.

É evidente que todo cristão observa pelo menos um mínimo de generosidade que o impele a fazer o melhor

“Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.” (Mat. 5:42)

para aliviar o sofrimento humano. E dentre as conseqüências do pecado no mundo estão a pobreza e a fome, ante as quais os cristãos devem realizar ações práticas a fim de pelo menos minimizar seus efeitos.

Diante do crescente número de indivíduos que precisam de ajuda, por causa do desemprego, e outros problemas gerados pelas dificuldades econômicas, há uma busca por empréstimo de dinheiro e outros tipos de ajuda material. Muitos empréstimos financeiros são justificados; outros, não. Talvez alguns credores tenham suficiente discernimento para saber se quem está pedindo tem real necessidade ou condições de ressarcir. Outros, talvez, não tenham tal discernimento e se neguem a atender.

Entretanto, não foi o Senhor quem disse: “Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes” (Mat. 5:42)? Não deveríamos, portanto, dar o que nos é solicitado, sem qualquer objeção? O mundo mudou muito, estamos chegando ao crepúsculo da nossa era. O amor de muitos se tem esfriado. Porém, milhares de cristãos no mundo, cujo amor a Deus e ao próximo permanece inabalável, enfrentam conflitos internos para entender e aplicar

lições tais como: “a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra”; “ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa” (Mat. 5:39 e 40).

Em um mundo em que a desconfiança, a injustiça e o agravo se generalizam, tais recomendações estão cada vez mais perdendo espaço entre os cristãos. Mas há aqueles que desejam ajudar o próximo, e que terminam frustrados ao encontrarem pessoas apenas dispostas a se aproveitar de sua bondade e amabilidade. O propósito deste artigo é achar uma interpretação, o mais equilibrada possível, para o mandato de Jesus: “dá a quem te pede...”

À primeira vista, a ordem é dar a qualquer pessoa que nos peça algo. Mas até que ponto alguém pode ser generoso sem correr o risco de ser despojado daquilo que tem? É correto que os cristãos emprestem indiscriminadamente a todo pedinte?

Precisamos investigar qual foi a intenção de Jesus ao dar essa ordem. Para isso dividiremos o estudo em duas partes, cada uma das quais será estudada em separado, mantendo porém a harmonia do texto.

A expressão “dá a quem te pede” é traduzida do termo grego *aitountí*, e está

relacionada com o verbo *aitéo*, cujo significado é “pedir”.¹ Aqui, esse verbo tem uma conotação especial, e se refere ao pedido que qualquer pessoa faz a outra que se encontra em uma posição superior à sua. Tal é o caso do pedido feito por um mendigo a alguém que passa ao seu lado como aparece em Atos 3:2.

Existem outras palavras gregas que expressam o ato de pedir:² *erotáo*, que se refere ao pedido feito por uma pessoa a alguém da mesma posição como, por exemplo, o pedido que um rei faz a outro rei (Luc. 14:32). *Apaitéon* possui a conotação de um pedido que exige a devolução de algo que tenha sido subtraído anteriormente (Luc. 6:30). Finalmente, *exaitéomai* é uma variação de *aitéo*; e implica intensidade no pedido, o que é gramaticalmente explicado pela presença do prefixo *ek* ou *ex*.

Vemos então, nessa passagem, que o pedido feito pelo semelhante não é qualquer um, mas um pedido que provém de pessoas que realmente se encontram em uma posição inferior ou em desvantagem.

“Dá” é uma inflexão do verbo *dídomi*,³ especificamente o segundo aoristo imperativo, que transmite a idéia de uma ordem para dar generosamente ao que pede. Vale salientar que o verbo *dídomi* introduz o conceito de que o doador entrega o que se lhe pede como um presente, por vontade própria, não por uma obrigação imposta.⁴ Ou seja, o cristão sente-se compelido a dar porque nasce em seu coração o desejo de fazê-lo.

Quando o cristão encara uma petição feita por alguma pessoa, não deve negar o pedido sempre e quando o pedinte se encontra em uma posição desfavorável. É possível que certas pessoas entendam esse texto de maneira excessivamente literal, e pensem que é agradável à vista do Senhor dar indistintamente dinheiro a qualquer que lhes peça, sem levar em conta a real necessidade de quem pede ou se estão em condições de fazer o suprimento.⁵

Não podemos desconhecer o fato de que embora Cristo nos convide a ser generosos com nossos semelhantes, também nos exorta a ser responsáveis com nossas próprias obrigações. A opinião quase geral dos eruditos é a de que a atitude da pessoa que recebe o pedido não deve ser de extrema liberalidade em dar, sem haver feito um julgamento prévio a fim de determinar o grau de necessidade do suplicante.

Nesses casos, devemos atuar com prudência⁶ levando em consideração nossas obrigações familiares.⁷ Afinal, poderíamos correr o risco de dar a quem não necessita e vive ociosamente, podendo trabalhar para sustentar-se.⁸ Por conseguinte, “dá a quem te pede” não é uma ordem axiomática que não possa ser submetida a critérios e reflexão, dependendo da situação, do momento e da intenção dos envolvidos.

“É não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.” Aqui, o verbo “emprestar” é *dameizo*, que implica especificamente empréstimo em dinheiro.⁹ Nessa passagem, ele se encontra na voz média,¹⁰ sendo entendido, portanto, num sentido mais literal de receber dinheiro emprestado. Há quem entenda que esse verbo se refere a empréstimo a juros,¹¹ mas tal interpretação não é viável, levando-se em conta que a usura é uma prática proibida na lei mosaica (Êxo. 22:25).¹² Entendido de outra forma, o verbo abarca qualquer tipo de empréstimo financeiro.

A expressão “não voltes as costas” é traduzida do verbo *apóstrefo*,¹³ utilizado aqui na voz passiva de maneira reflexiva, denotando a ação de recusar.¹⁴ Logicamente, o entendemos como recusa de emprestar dinheiro. Em consequência, a ordem de Cristo é no sentido que nenhum cristão se negue a emprestar dinheiro a quem pedir. Mas a grande pergunta é: Seriam aplicáveis a esse mandamento as recomendações de prudência implícitas no caso anterior?

É bom lembrarmos que a palavra “emprestar” não diferencia o tipo nem classe social da pessoa que pede o empréstimo, como acontece com a palavra “pedir” na primeira parte do verso. Na verdade, esse versículo é uma unidade total inserido no sermão da montanha, no qual o Mestre enfatiza o amor e a bondade cristãos. Portanto, as mesmas considerações da primeira parte são aplicáveis à última.

Esse é um texto que deve ser interpretado dentro do contexto do verso 42 de Mateus 5 e, portanto, aceita-se a ordem de Cristo como válida e digna de ser obedecida; considerando-se as seguintes observações:

O empréstimo deve ser feito a pessoas realmente necessitadas.¹⁵

O valor do empréstimo não deve exceder nossas possibilidades reais.¹⁶

Mas embora seja necessário discer-

nimento para dar a cada caso seu índice de prioridade ou necessidade, os cristãos não deveriam pecar por excesso de escrúpulos no atendimento ao próximo.¹⁷ Isso porque nem sempre é possível saber ao certo quão real é a necessidade do pedinte.¹⁸ Por essa razão, como disse alguém, “é preferível ajudar a uma dúzia de mendigos fraudulentos do que arriscar passar por alto alguém verdadeiramente necessitado”.¹⁹

As características particulares do idioma grego têm sido determinantes para a correta interpretação de certas passagens das Escrituras, e evitar erros exegéticos que desembocuem em confusão dentro do cristianismo. Apesar disso, não tem sido possível impedir o surgimento de extremismos. O melhor exemplo de equilíbrio é encontrado em Jesus Cristo. Ele sabia sempre o que dizer, quando dizer e como dizer. Sabia o que fazer, quando fazer e como fazer; não porque tivesse uma capacidade sobrenatural, descrição e prudência, mas por Sua constante comunhão com o Pai.

Que cada pessoa, em oração sincera e estudo cuidadoso, aprenda o que a Bíblia diz e esteja pronta a tomar a decisão que Cristo tomaria, se fosse abordado hoje por algum dentre Seus filhos necessitados de auxílio.



Referências:

- ¹ Francisco Lacueva, *Nuevo Testamento Interlineal Griego-Español*, (Barcelona, Editorial Clie, 1984), pág. 18.
- ² W. E. Vine, *Diccionario Expositivo de Palabras del Nuevo Testamento*, (Barcelona, Editorial Clie, 1984), vol. 3, págs. 149 e 150.
- ³ A Greek-English Lexicon of the New Testament and the Early Christian Literature, (Chicago, The University of Chicago Press, 1957), pág. 191.
- ⁴ Gerhard Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament*, (Grand Rapids, WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1964), pág. 166.
- ⁵ Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día, (Boise, Publicaciones Interamericanas, 1987), vol. 5, pág. 730.
- ⁶ Matthew Henry, *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible*, (Marshallton, The National Foundation for Christian Education, s/d), vol. 3, pág. 38.
- ⁷ Albert Barnes, *Notes on the New Testament*, (Grand Rapids, Baker Book House, 1976), vol. 1, pág. 60.
- ⁸ Matthew Henry, *Op. Cit.*
- ⁹ W. E. Vine, *Op. Cit.*, pág. 230.
- ¹⁰ *Ibidem*
- ¹¹ M. R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, (Kirkwood Highway Wilmington, Associated Publishers, 1972), pág. 32.
- ¹² Roberto Jamieson, *Comentario Exegético y Explicativo de la Biblia*, (Colombia, Casa Bautista de Publicaciones, 1995), vol. 35.
- ¹³ Francisco Lacueva, *Op. Cit.*
- ¹⁴ W. E. Vine, *Op. Cit.*, vol. 1, pág. 124.
- ¹⁵ Roberto Jamieson, *Op. Cit.*
- ¹⁶ Albert Barnes, *Op. Cit.*
- ¹⁷ Luis Bonnet e Alfredo Schroeder, *Comentario del Nuevo Testamento*, (Buenos Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1977), vol. 1, págs. 103 e 104.
- ¹⁸ William McDonald, *Comentario al Nuevo Testamento*, (Barcelona, Editorial Clie, 1995), pág. 44
- ¹⁹ *Ibidem*

Desafios ministeriais

ANSEL OLIVER

Da ANN

Os pastores adventistas do sétimo dia ao redor do mundo são considerados obreiros fundamentais no cumprimento da missão da Igreja. Existem hoje cerca de 14 mil pastores ordenados que trabalham em mais de 180 países. Sendo que os adventistas no mundo são aproximadamente 12 milhões, a média aproximada é de 857 membros por pastor.



Pastor James Cress

“Porém, segundo o Pastor James Cress, secretário ministerial da Associação Geral, em algumas regiões a Igreja poderá enfrentar uma escassez de pastores dentro de mais algum tempo

Regiões críticas

As regiões mais críticas e que já começam a enfrentar dificuldades estão no continente africano. Segundo os dados oficiais, estima-se que em toda a África haja quatro milhões de adventistas, atualmente. Se o ritmo de crescimento for mantido, em 2015 a previsão é de que esse número será de 14 milhões. Cress afirma que, em uma perspectiva anual, a Igreja não está nem perto de conseguir um número de pastores suficiente para dar o devido atendimento aos membros. De acordo com ele, a educação teológica na África “é provavelmente uma de nossas necessidades mais críticas”.

Na Austrália, os líderes da Igreja projetaram em dezembro que haverá falta de uns 50 pastores nos próximos

cinco anos. Para o Pastor Anthony Kent, secretário ministerial da Divisão Pacífico Sul, será necessário recorrer aos membros para que atuem como pastores, ou recrutar pastores do exterior, se não for possível reverter o quadro atual. “A Igreja está fortemente baseada em seus membros para financiar e cumprir seu ministério”, afirma.



Pastor Anthony Kent, da Divisão Pacífico Sul

“Mas, sem dúvida, necessita de pastores especializados para coordenar e liderar. Um pastor experiente e uma igreja motivada são uma combinação poderosa. O êxito dessa combinação significa muito para o êxito do adventismo.”

Essa situação se reflete na Divisão Norte-Americana, afirmou o Pastor David Osborne, secretário ministerial na região. “Em poucos anos mais um quadro completo de pastores alcançará a jubilação e não temos um quadro completo de pastores chegando ao ‘barco’. Não estamos produzindo pastores suficientes em nossas escolas.” Segundo Cress, a Igreja na América do Norte tem atravessado ciclos de abundância e escassez. “Foi dito que havia demasiados pastores se formando e os jovens abandonaram a Teologia. Estamos necessitando deles novamente.”

Excesso

Mas em outras regiões, a Igreja tem dificuldade para encontrar postos de trabalho para os pastores graduados. É o que acontece na Divisão Ásia Pacífico Sul. “Especificamente nas Filipinas, estão formando alunos que não irão encontrar trabalho. Temos uma superabundância ali”, afirma Cress. O Pastor John Duroe, secretário ministerial na Ásia Pacífico Sul, confirma: “Temos quatro instituições de ensino superior, formando 200 alunos anualmente, em Teologia, porém as Associações não podem se dar ao luxo de contratar muitos deles, e isso acaba desestimulando os jovens a entrar no ministério.”

As Divisões Interamericana e Sul-Americana são aquelas em que a demanda de pastores encontra-se em maior equilíbrio. Segundo o Pastor Alejandro Bullón, secretário ministerial da Divisão Sul-Americana, há 3.500 pastores para um universo de 1.600.000 membros. Em média, um pastor para cada 457 membros. “Cada ano as escolas formam 250 novos pastores”, informa.

O Pastor James Cress afirma que são necessários exames e planejamento nas áreas do mundo em que a presença de pastores está sendo menor que a demanda. “Uma liderança forte e efetiva é vital para que a Igreja se mova perante os desafios deste novo século”, diz.



Pastor David Osborne, da Divisão Norte-Americana

Participe!

Crescimento De Igreja

SEMINÁRIO
DE ATUALIZAÇÃO
PARA PASTORES
EVANGÉLICOS

AO VIVO
VIA SATÉLITE
PARA AMÉRICA
DO SUL
TV - ADSAT

05/SET/2002

9:00 - 12:00 HORAS

evento será transmitido via satélite, para toda a América do Sul, diretamente de Nova Friburgo, RJ, no dia 5 de setembro, a partir das 9h00.

As palestras focalizarão o tema "Crescimento de Igreja". O sinal do satélite chegará aos locais que tenham antena parabólica digital 3,30 m (Banda C) e através do canal 15 de TV a cabo Tecsat.

Segundo o Pastor Jonas Arrais, secretário ministerial associado da DSA, o envolvimento de pastores distritais, administradores e secretários ministeriais dos Campos e Uniões é fundamental para o êxito do programa. Auditórios de hotéis, escolas, até mesmo capelas de sedes administrativas das Associações e Missões podem ser utilizados para receber pastores convidados de outras denominações e adventistas.

O Pastor Arrais também chama a atenção para um conselho de Ellen White, no qual fundamenta a idéia do seminário: "Temos uma obra a fazer por ministros de outras igrejas... Nossos ministros devem buscar aproximar-se dos ministros de outras denominações. Orai por esses homens e com eles, por quem Cristo está fazendo intercessão."

HUMOR

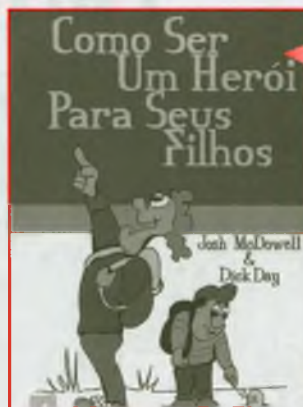


Como parte do conhecido *Projeto Preach*, a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana realizará mais um Seminário de Atualização para Pastores Evangélicos. O



O DESENVOLVIMENTO NATURAL DA

IGREJA – Christian A. Schwarz, Editora Evangélica Esperança, Caixa Postal 2416; CEP 82510-420 Curitiba, PR, 128 páginas; tel. (41) 256-0390; fax (41) 257-6144.



xão, caráter e consistência necessários a um modelo positivo de vida. Descobrirá que um herói é prático, fiel, divertido e, acima de tudo, alguém ocupado em construir um tipo de relacionamento com o filho que lhe permitirá enfrentar e vencer o mundo com seus desafios e perigos.

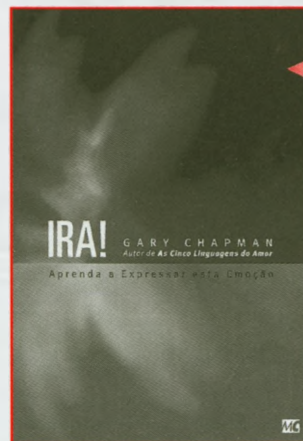
Muitos dogmas do movimento “crescimento de igreja” nada mais são do que mitos. Essa é a tese deste livro, que pretende introduzir uma nova etapa na discussão sobre a edificação da Igreja. Nele estão os resultados da pesquisa mais abrangente sobre as razões para o crescimento da igreja de que se tem notícia no cristianismo até agora. Mais de mil igrejas em 32 países participaram do projeto. E a grande descoberta foi que o crescimento da igreja acontece diferente do que se imaginava até agora.

COMO SER UM HERÓI PARA SEUS FILHOS – Josh McDowell & Dick

Day, Editora e Distribuidora Candeia, Rua Domingas Galleri Blotta, 148, Jd. Santa Cruz; CEP 04455-360 São Paulo, SP; 245 páginas.

editoracandeia@candeia.com.br

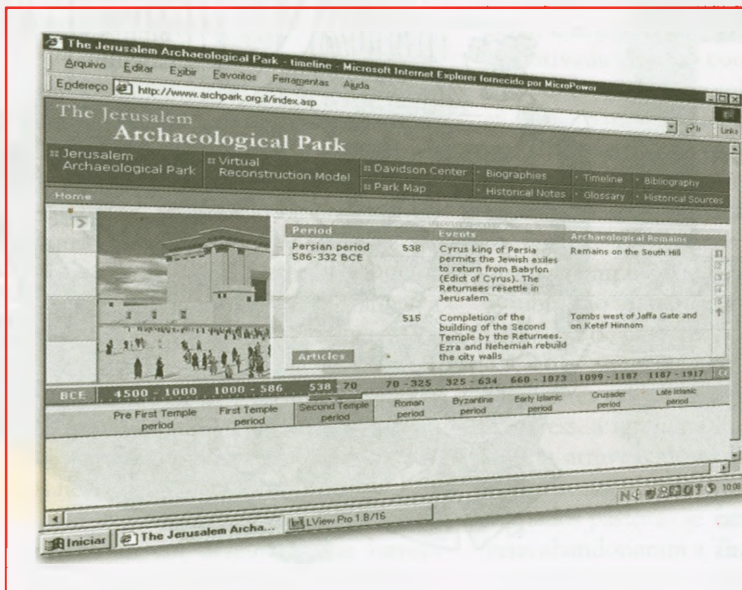
Amor, motivação e um plano de trabalho é tudo o que você precisa para ser um verdadeiro pai, segundo os autores deste livro. Sua receita está baseada em seis princípios bíblicos que podem transformá-lo num genuíno herói para seus filhos. Aqui você aprenderá a demonstrar o tipo de compai-



IRA! APRENDA A EXPRESSAR ESTA

EMOÇÃO – Gary Chapman, Editora Mundo Cristão, Caixa Postal 21257; CEP 04698-970 São Paulo, SP; 205 páginas. Tel. 0800-115074.

Este livro esclarece como e por que a ira pode transformar-se tanto em uma emoção destrutiva como construtiva, o que abre uma brecha para afirmar que ela também pode ser válida ou distorcida. O autor apresenta a questão de forma bastante didática e prática. Sua argumentação parte da origem e do propósito da ira, para mostrar como é possível não só aprender a lidar com esse sentimento, de modo construtivo.



VEJA NA INTERNET – www.archpark.org.il

Esse é um site – Parque Arqueológico de Jerusalém – bem produzido com informações sobre o mais importante sítio arqueológico do mundo que é a velha Jerusalém. Uma prática *timeline* (linha de tempo) resume as informações básicas sobre a cidade, ao longo da História. Na seção *Virtual Reconstruction Model* há várias imagens panorâmicas e maquetes que rememoram detalhes ou dão uma idéia bem aproximada daquelas construções tão cheias de significado para nós. Outras partes do site com informações interessantes são: *Biographies* (biografias de personalidades históricas), *Historical Notes* (artigos sobre o monte do templo, o templo, os sacerdotes, os rituais, a descrição do templo, tumbas e suprimentos de água), *Glossary* (vocabulário com os termos mais utilizados no estudo da arqueologia e história da região). – Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da CPB.



D. Araújo

JONAS ARRAIS

Secretário ministerial
associado da Divisão Sul-Americana

A oração é um poder, uma fonte e um privilégio. Jesus comentou, no sermão da montanha, algo muito importante sobre a oração: “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará” (Mat. 6:6). O Mestre não falou: “se tu orares...”, mas “quando orares...” Isso confirma que a oração é parte vital na experiência cristã e não apenas um acessório. Na verdade, é um elemento básico.

Embora a maioria das pessoas esteja ciente desse fato, poucos são os indivíduos que mantêm uma experiência consistente de comunhão com Deus. Falar da importância da oração; ensinar os membros da igreja a orarem corretamente e motivá-los a uma vida de comunhão com Deus deve ser uma prioridade no púlpito de hoje. Por outro lado, falar sobre oração a pastores, muitas vezes parece o mesmo que chover num terreno molhado, ou tentar ensinar um padre a celebrar a missa. Além disso, para nós, líderes espirituais, é muito mais fácil falar sobre esse tema do que praticá-lo.

Recentemente, li duas frases que me levaram a uma profunda reflexão. A primeira afirmava que “o púlpito de hoje é pobre de oração”. Qual a razão dessa pobreza? Como líderes espirituais, porventura não estamos orando como deveríamos ou não estamos falando o necessário sobre a oração? A outra frase dizia o seguinte: “É mais fácil encontrar vida em um morto do que vida espiritual em um cristão que não ora.” Em outras palavras, é impossível sobreviver espiritualmente sem oração; e deixar de orar não só demonstra que

estamos cometendo suicídio espiritual, mas também inconscientemente passamos uma outra mensagem.

Por exemplo, quando por alguma razão um cristão deixa de orar, está dizendo que nada tem para falar a Deus. Isso também significa que não existe nada para agradecer. Um dos maiores pecados em nossos dias é a ingratidão. Coisa rara hoje é ouvir um “muito obrigado”. Podemos ser gratos por coisas que pessoas fazem por nós, mas deveríamos especialmente expressar gratidão e louvor para

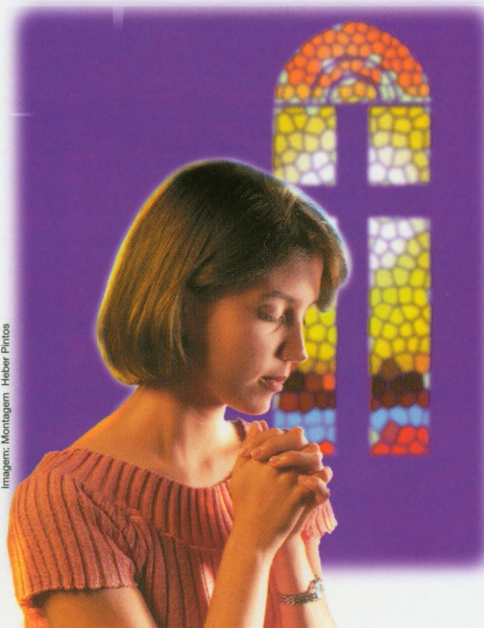


Imagem: Montagem Heber Pintos

com Aquele que nos criou e nos mantém. No livro *Serviço Cristão*, à página 213, lemos que “louvar a Deus em plenitude e sinceridade de coração é tanto um dever quanto o é a oração”. Quando tivermos consciência da necessidade de agradecer a Deus pelas bênçãos físicas, materiais e espirituais, teremos muito mais motivação para falar com Ele.

Quando não buscamos a Deus através da oração, não somente demonstramos que nada temos para pedir ou agradecer, mas também revelamos que,

como pecadores, nenhum pecado temos para confessar. Esquecemo-nos que “se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1 João 1:8). Uma das coisas mais difíceis para o ser humano é reconhecer seu próprio erro. É muito mais fácil culpar alguém ou encontrar erros nos outros. O reconhecimento da nossa natureza pecaminosa deveria nos levar diariamente a Deus com espírito de confissão e busca de perdão. “Há certas condições sob as quais podemos esperar que Deus ouça nossas orações e a elas atenda. Uma das primeiras delas é sentirmos nossa necessidade de Seu auxílio”, lemos em *Caminho a Cristo*, página 95.

Deixar de orar demonstra não apenas que nada temos para pedir, agradecer e confessar a Deus, mas também demonstra que não queremos ser uma bênção na vida de alguém. Através da oração intercessória, podemos abençoar aqueles por quem oramos. Quando pais oram pelos filhos, cônjuges oram pela pessoa amada e quando cristãos oram por seus irmãos, expressam interesse e amor. À medida que desejamos estar mais próximos de Deus, Ele nos ajudará a exercer um cuidado especial pelos outros semelhantes e orar intercedendo por eles. Isso não ocorre naturalmente, porque a preocupação com outras pessoas é contrária à sombria natureza humana.

Fracassar na prática da oração pode demonstrar que não estamos nada bem em muitas outras áreas da vida. Faz sentido dizer que a oração é uma prova de nossa vida espiritual. É ali que descobrimos se realmente amamos a Deus e aos nossos semelhantes. Pense um pouco, caro pastor, no que aconteceria se todos orássemos mais. Sem dúvida, muitas pessoas seriam beneficiadas; milagres seriam vistos; seríamos mais... muito mais, em muitas áreas da vida. **M**

EDUCANDO COM SUCESSO



O CD-ROM
que ajuda pais
e mestres na
educação!



Cód. 7480

Você que é pai, professor, líder na igreja e que se preocupa com o desenvolvimento de crianças e adolescentes, adquira este CD-ROM. É uma eficiente e moderna ferramenta para ajudá-lo na educação dos mais jovens. Contém apresentações visuais, quase 400 slides, texto integral do livro *Filhos - Educando Com Sucesso*, de Nancy Van Pelt, e 12 testes interativos.

Ligue grátis 0800-990606* para fazer seu pedido, ou peça ao SELS de seu Campo.
*O telefone 0800 não recebe ligações de celulares.



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Caixa Postal 34 - Tatui, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800